

Francisco Candido Xavier

PARNASO
DE
ALEM
TUMULO .

LIVRARIA
DA
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO

Magdalena
Grata

PARNASO DE ALEM TUMULO

M. Grata Alves

PARNASO DE ALEM TUMULO

POESIAS MEDIUMNICAS PSYCHOGRAPHADAS POR

FRANCISCO CANDIDO XAVIER

EM PEDRO LEOPOLDO (MINAS)

E PREFACTADO POR

M. QUINTÃO

CONTENDO UMA CARTA DO MEDIUM.

Conforme os direitos concedidos á
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA



1932

Livraria da Federação Espirita Brasileira

28, AVENIDA PASSOS, 30
RIO DE JANEIRO

Magdalena

A' GUISA DE PREFACIO

A theoria, tanto quanto a pratica espiritista, apresenta aos leigos e inscientes, aspectos e modismos ineditos, imprevistos, bizarros, surprehendentes.

Nos dominios da mediumnidade, então, o reservatorio de surpresas parece inesgotavel, e desconcerta, e surprehe até os observadores mais argutos e avisados.

Se fossemos minudenciar, escafrificar o assumpto até ás mais profundas raizes, poderiamos concluir que o commercio de encarnados e desencarnados, velho quanto o mundo, se indicia mais ou menos latente ou ostensivo, em todos os actos e feitos da humanidade.

Inspirações, idéas subitas ou pervieazes, sonhos, premonições e actos havidos por espontaneos e propriamente naturaes radicam, muito e mais na influenciação dos Espiritos que nos cercam, — por força e derivativo da mesma lei de affinidade incoercivel no plano physico quanto no psychico — do que a muitos poderia parecer.

E assim como se não desloca nem se precipita, isoladamente, um atomo no concerto sideral dos mundos infinitos, assim tambem não ha pensamento, idéa, sentimento isolados no concerto consciencial dos sêres intelligentes, que actualizam e vivificam o pensamento divino, em ascese indefinita — *semper ascendens*.

E' o que fazia dizer a Luisa Michél: "um sêr que morre, uma folha que-cáe, um mundo que desaparece, não são, nas harmonias eternas, mais do que um silencio necessario a um rythmo que não conhecemos ainda."

Mas, não ha dahi concluir que a creatura humana se reduza á condição de automato, sem vontade e sem arbitrio, porque nada á revelia da Lei se verifica; e no jogo dessa aetuação constante o ascendente dos desencarnados não vae além das lindes assignadas pela Providencia; não ultrapassa, jamais, a capacidade receptiva do percipiente, seja para o bem, seja para o mal.

*
* * *

Não é, comtudo, desse mediumnismo subtil, intrínseco, consubstancial á natureza humana, que importa tratar aqui.

Nem remontariamos aos filões da Historia para considerar-lhe a identidade nos templos da India, do Egypto, da Grecia, das Gallias e de Roma, em transitio para a Edade-média, na qual os mediums eram immolados ao mais estúpido dos fanatismos — o religioso. Hoje, fogueira e pôtro foram substituidos pela diffamação, pelo ridiculo alvar, pago em boa especie monetaria, ou ainda pelo cerco caviloso e interditorio de quaesquer vantagens sociaes.

A luta tornou-se ineruenta, mas, nem por isso, menos aspera e porfiosa.

Assoalha-se que a mediumnidade é fonte de mercantilismo: entretanto, nenhum grande medium, que o sabamos, chegou a accumular fortuna e rendimentos.

Muitos, ao invés, quaes Home, Slade, Eusapia e d'Esperance, morreram pauperrimos e, o que mais é, tendo a pannejar-lhes a memoria o labéo de charlatães.

Mas, houvesse de facto esse mercantilismo, e nunca se justificaria, senão por abusivo e espurio, de vez que a doutrina o não autoriza, sequer por hypothese.

Porque, na verdade, assim se escreve a Historia e o maior dos mediums, o Medium de Deus, só escapou ao estigma da posteridade pela porta escusa do concilio de Nicéa, numa divinização accomodatícia e rendosa ao formigamento parasitario e omnimodo dos Constantinos, que, ainda hoje, lhe exploram os feitos e o nome angusto, com bulhas politicas de vulpina rhetorica, facticios pruridos de grosseira mystificação em bonzolatrias de cimento armado.

Entretanto, como a confirmar a tradição — "os santos apostolos foram em sua maioria humildes pescadores" — e não só a tradição como a sentença de que *os ultimos seriam os primeiros*, — não vêm hoje os vexilarios da Verdade trazel-a aos magnatas da terra, aos principes dos sacerdotes, escribas e phariseús hodiernos, disputantes á compita da magnifica carapuça a elles talhada e ajustada de vinte seculos no Capitulo XXIII de Matheus.

Ao contrario, esses esculas do Além parece preferirem os operarios modestos, modestos e rusticos, rusticos e bons, como tão subtilmente os define o Ega em magistral mensagem:

"Typos originaes, mãos calosas que se entregam aos rudes trabalhos braçaes, a fazerem a litteratura do além-tumulo; homens que Tartufo chama bruxos e Esculapio qualifica de basbaques, mystificadores, ou casos pathologicos a estudar"...

E' verdade tudo isso; mas, convenhamos, tambem o é para maior gloria de Deus.

Não ignoramos que homens de alta cultura e renome scientifico têm versado o assumpto, investigado, perquirido e proclamado a verdade acima e além de conveniencias e preconceitos politicos, scientificos, religiosos. Nomea-los aqui, seria fastidioso quanto inutil.

O vulgo que não lê, ou que lê pela cartilha do Snr. Parocho nos conselhos privados da familia beata, não deitaria os seraphicos olhares nestas paginas e seguiria, clamoroso ou contente, de qualquer forma inconsciente — *infinitus stultorum numerus* — a derrota do seu calvario, no melhor dos mundos, a Pangloss.

O outro, o vulgo que lê e comprehende, mas para o qual o *magister dixit* é a melhor formula de concessão e acomodação comsigo mesmo, estomago e visceras em função, sóffra quem sóffrer, dêa a quem doer — esse, basofiando sciencia em gestos largos de animalidade superior, se estas linhas chegasse a ler, haveria de esboçar aquelle sorriso fino e bom que Bonnemère não sabia definir se seria de Voltaire, ou do mais refinado dos idiotas...

*
* * *

Adeante, pois, na tarefa nada espartana de apresentar esta prova opima das esmolas de luz que nos chegam em revoadas de graças, a encher-nos o coração de alvigeiras esperanças.

Quem quizer certezas maiores, explanações technicas e eruditas do phenomeno em apreço, que as procure no livro *Do Paiz da Luz*, obra similar edi-

tada ha uma vintena de annos, psychographada pelo medium portuguez Fernando de Lacerda e que fez, nas rodas profanas de Lisboa, o mais ruidoso successo.

Nessa obra, o illustre Dr. Souza Couto, em magistral prefacio, esgotou o assumpto ao enearal-o sob todos os prismas de uma severa critica, para concluir pela transcendencia do phenomeno rebelde a todos os methodos de classificacão scientifica e, sem embargo, realissimo em sua objectivação.

Pois, a nosso ver, maior é o merito, por mais opulenta a polpa mediuimica, desta obra.

E' que lá, em *Do paiz da luz*, avulta a prosa, com raras excepções; ao passo que aqui desborda o verso, mais original, mais difficil, mais precioso como indice de authenticidade autoral.

Lá, as mensagens caracteristicas são exclusivas de escriptores lusos, unicas que podem, a rigor, identificar pelo estylo, os seus autores.

As de Napoleão I, Thereza de Jesus, etc., são incontestavelmente bellas no fundo e na forma, mas não caracteristicas de taes entidades.

Aqui, pelo contrario, não só concorrem poetas brasileiros e portuguezes, como retinem crystalinas e contrastantes as mais variadas formas verbalisticas e literarias, como a facilitarem de conjuncto a identificacão de cada um.

Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Symbolismo, ali se ostentam em louçanias de sons e de côres, para affirmar, não mais subjectiva, mas objectivamente a sobrevivencia de seus interpretes.

E' ler Casimiro e reviver *Primaveras*; é recitar Castro Alves e sentir *Espumas fluctuantes*; é declamar Junqueiro e lembrar a *Morte de D. João*; é phrasear Augusto dos Anjos e evocar *Eu*.

Senão, vejamos:

Oh! que clarão dentro d'alma
Constantemente seismando,
O pensamento sonhando
E o coração a cantar,
Na delicada harmonia,
Que nascia da belleza
Do verde da natureza,
Do verde do lindo mar..

E' Casimiro...

Ha mysterios peregrinos
No mysterio dos destinos
Que nos manda renascer;
Da luz do Creador nascemos,
Multiplas vidas vivemos,
Para á mesma luz volver.

E' Castro Alves...

Pairava na amplidão estranho resplendor.
A natureza inteira em lucida poesia
Reponsava feliz nas preces da harmonia!...
Era o festim do amor
No firmamento em luz,
A grandeza de uma alma que voltava
Ao redil de Jesus.

E' Junqueiro...

Deseansa, agora, vibrião das ruínas.
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,
Rêtempera-te em meio dos perfumes,
Cantando a luz das amplidões divinas.

E' Augusto dos Anjos.

E todos, todos os mais ahi estão vivos, ardentes, inconfundiveis na modulação das suas lyras encantadas e decantadas.

E na prosa — excepto a de Fernando de Lacerda, cujo estylo não temos elementos para iden-

tificar — o mesmo traço de originalidade personalissima se impõe.

Duvidamos que o mais solerte plunitivo, o mais intellectual dos nossos literatos consiga imitar, sequer, ainda que premeditadamente, esta produção.

E isto o dizemos porque o medium Xavier, um quasi adolescente, sem lastro, portanto, de grande cultura e treino poetico, recebe-a de jacto e mais — quando de alguns autores não conhece uma estrophe!

E' extraordinario, será maravilhoso, mas é a verdade nua e crúa; verdade que, qual a Luz, não pode ficar debaixo do alqueire.

Foi por assim pensarmos que conseguimos vencer a relutancia do medium, em sua natural modestia, para lançar ao publico, em geral, e aos confrades, em particular, esta obra mediumnica, que, certo estamos, ficará como balisa fulgurante, na historia a tracejar, do Espiritismo em nossa patria.

*
* * *

Mas, perguntarão: — quem é Francisco Candido Xavier? Será um rapaz culto, um bacharel formado, um academico, um rotulado desses que por ahi vão felicitando a Família, a Patria e a Humanidade?

Nada disso.

O medium polygrapho Xavier é um rapaz de 21 annos, um quasi adolescente, nascido allí assim em Pedro Leopoldo, pequenino rincão do Estado de Minas. Filho de paes pobres, não poude ir além do curso primario dessa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em these, um ga-

lopim eleitoral e não vae, tambem em these, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com borrifos de catecismo catholico, de contra-peso.

Orfão de mãe aos 5 annos, o pae infenso a litteratices, ao demais premido pelo ganha-pão, é bem de ver-se que não teve, que não podia ter o estimulo ambiente, nem uma problematica hereditariadade, nem um nem dez cyreneus que o conduzissem por tortuosos e tórturantes labyrinthos de accesso aos altanados pagos do Olympo, ao idyllico convívio de Calliope e Polymnia.

Tudo isso é o proprio medium quem no-lo diz em linguagem eloquente, porque simples como a propria alma cedo esfolhada de sonhos e illusões, para não collimar renomes literarios.

Ao lhe formularmos um questionario que nos habilitasse a pôr de plano estes detalhes essenciaes — de vez que, em obra deste quilate o que se impõe não é a apresentação dos operarios, mas da ferramenta por elles utilizada, tanto quanto do seu manuseio; e não querendo, por outro lado, endossar um phenomeno cuja ascendencia sobejamente conhecemos para não recusar, mas, cujo flagrante não presenciámos — elle, o medium, veio “candidamente” ao nosso encontro com *Palavras minhas*, nas quaes estereotypa a sua figura moral, tanto quanto retrata as impressões psycho-physicas que lhe causam o phenomeno.

Nós mesmo vimos certa vez, em S. Paulo, o medium Mirabelli cobrir dezoito laudas de papel almasso, no exiguo tempo de 13 minutos mareados á relógio, emquanto comnosco discreteava em idioma diverso da mensagem escripta.

E’ um facto. Do seu mecanismo intrinseco e extrinseco, porém, nada nos disse o medium.

Agora, diz-nos este que tambem as produções são recebidas de jacto.

Não ha ideação prévia, não ha encadeiamento de raciocínios, fixação de imagens.

E’ tudo inesperado, explosivo, torrencial!

Do que escreve e sabe que está escrevendo, tambem sabe que não pensou e não seria capaz de escrever.

Ha vocabulos de ethymo que desconhece; ha factos e recursos de hermeneutica, figuras de rhetorica que ignora; theorias scientificas, doutrinas, concepções philosophicas das quaes nunca ouviu falar, de aptores tambem ignorados e jamais lidos!

Como explicar, como definir e transmittir a captação, a realisação essencial do phenomeno?

Só o medium poderia faze-lo, e isso elle o faz de maneira impressionante, de modo a satisfazer aos familiares da doutrina.

Aos outros, aos scepticos, a liberdade de conjecturar para melhor explicar, sem contudo negar, porque o facto ali está na plenitude de sua realidade, e um facto, por mais insolito que seja, vale sempre por mil e uma theorias, que nada explicam, antes complicam...

*
* *

Como nota final, aos argus da critica, Catões e Zoilos de compasso e metrô, faisqueiros de nugas e mingas na volupia de escandir *quand même*, diremos que, encarregado de apresentar esta obra, não nos dispuzemos a escoimal-a de possiveis defeitos de technica, não só por nos fallecer autoridade e competencia, como por julgar que tal ouso seria uma profanação.

Trata-se, precipuamente, de um trabalho de identificação autoral, e de entidades hoje mais lucidas e respeitáveis do que o foram aqui na terra.

Tal como nol-o deram, esse trabalho melhor corresponde á sua finalidade altissima, e o que a legitima ethica doutrinaria aponta é que quaesquer lacunas ou taliscas devem ser attribuidas ou irrogadas ao porventura precario aparelhamento de transmissão, ou factores outros, em summa, que mal podemos imaginar e que, no emtanto, racional e logicamente devem existir, mais subtis e delicados do que esses que a meude concorrem na telepathia, na radiophonia, em tudo, emfim, que participa do meio physico contingente.

Que os arautos da Bôa Nova aqui escalonados, por vindos de tão alto, nos perdoem a vacuidade e insulcia destas linhas, e que os leitores de bôa vontade as desprezem como inuteis, para só apreçarem a obra que aqui lhes apresentamos, na pauta evangelica que diz — *A arvore se conhece pelo fruto.*

M. QUINTÃO.

PALAVRAS MINHAS

Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus actos, perante a sociedade da minha terra, são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade: e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de arduas difficuldades e mesmo de soffrimentos.



Filho de um lar muito pobre, orphão de mãe aos cinco annos, tenho experimentado

toda a classe de aborrecimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dôr, ha muito que já me convenceu da inutilidade das bagatellas que são ainda tão estimadas neste mundo.

E, se decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor quanto á sua formação.

Começarei por dizer-lhe que sempre tive o

mais pronunciado pendor para a literatura; constantemente a melhor boa vontade animou-me para o estudo. Mas, estudar como? Matriculando-me quando contava oito annos em um grupo escolar, pude chegar até ao fim do curso primario, estudando apenas em uma pequena parte do dia, trabalhando em uma fabrica de tecidos das quinze horas ás duas da manhã; cheguei quasi a adoecer com um regimen tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no commercio, com um salario diminuto, onde o serviço dura das sete ás vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da actualidade.

Nunca pude aprender senão alguns rudimentos de arithmetica, historia e vernaculo, como o são, as lições das escolas primarias. E' verdade, que em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pae era completamente avesso á minha vocação para as letras e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores predilectos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estylos dos outros por differençar muito pouco essas questões. Tambem o meio em que tenho vivido foi sempre arido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam, como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu, com uma vida de multiplos trabalhos e obrigações e nunca se me offereceu occasião de conviver com os intellectuaes da minha terra.

O meu ambiente, pois, foi sempre alheio á literatura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão quotidiano, onde se não pôde pensar em letras.

Assim têm-se passado os dias sem que eu tenha podido até hoje, realizar as minhas esperanças.

Proseguindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha familia era catholica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui pois creado com, as theorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor, desde os tempos de creança, quando ir ás aulas de cathecismo, era para mim um prazer.

Até 1927, todos nós não admittiamos outras verdades além das proclamadas pelo catholicismo, mas, eis que, uma das minhas irmãs, em Maio do anno referido, foi acometida de uma terrivel obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora sequer. Varios dias consecutivos foram para nossa casa, horas de amargos padecimentos moraes. Foi quando decidimos sollicitar o auxilio de um nosso distincto amigo, espirita convieto, o Snr. José Herminio Peracio, que caridosamente promptificou-se a ajudar-nos com a sua bôa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discipulo do Evangelho, offereceu-nos até a sua residencia, bem distante da nossa, para ahí instalar a doente, junto á sua familia, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ella estudar as bases da doutrina espirita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediumnicas. Ahí sob os seus caridosos cuidados e da sua exma. esposa D. Carmen Penna Peracio, medium dotada de raras faculdades, minha irmã hauriu para nosso beneficio os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos christãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daquelles confrades a que me referi, que

a minha mãe que regressára ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em immorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos salutarres, por intermedio da esposa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa vida intima, que essa senhora desconhecia. Até a graphia era absolutamente igual á que a nossa progenitora usava quando na Terra.

Sobre esses factos e essas provas irrefutaveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalavel. Em breve, minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saude e feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria dahi por deante nortear os nossos passos na vida.

Resolvemos, então, com ingentes sacrificios reunir um nucleo de crentes para estudo e diffusão da doutrina, e foi nessas reuniões que desenvolvi-me como medium escrevente, semi-mechanico, sentindo-me muitissimo feliz, por se me apresentar essa oportunidade de progredir, datando dahi o ingresso do meu humilde nome nos jornaes espiritas, para onde comecei escrever sob a inspiração dos bondosos mentores espirituaes que nos assistiam.

Dahi a pouco a nossa alegria augmentava, pois o nosso confrade José Herminio Peracio, em companhia de sua esposa, delibrou fixar a sua residencia junto a nós e as nossas reuniões tiveram resultados melhores, controladas pela sua esclarecida orientação doutrinaria, auxiliado pela sua senhora, alma nobilissima, ornada das mais superiores qualidades moraes, que entre as suas mediumidades conta como mais desenvolvida a clariaudiencia. Nossas reuniões contavam assim grande numero de assistentes, porém, a moral profunda que era ensinada, baseada nas paginas esplendorosas do Evangelho de Jesus, parece que pesava muito como

acontece na opinião de grande maioria de almas da nossa época, quasi sempre inclinadas para as futilidades mundanas, e decorridos dois annos, os assistentes de nossas sessões de estudos, escaesaram, chegando ao numero de quatro ou cinco apenas, o que perdura até hoje.

Não desanimamos, contudo, proseguindo em nossas reuniões, constituindo para nós, uma fonte de consolações, isolarmo-nos das coisas terrenas, em nosso recanto de prece, para a communhão com os nossos desvelados amigos do Além. Continuei recebendo as ideias dos mesmos amigos de sempre nas reuniões, psychographando-as, e que eram continuamente fragmentos de prosa sobre os evangelhos e somente duas vezes recebi communicações em versos simples.

Em Agosto, porém, do corrente anno, apesar de muito a contra-gosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contacto com essas entidades elevadas, por reconhecer as minha imperfeições, comecei a receber a serie de poesias que ahi vão publicadas, assignadas por nomes respeitaveis.

Serão das personalidades que as assignam? é o que não posso afiançar. O que posso affirmar, categoricamente, é que, em consciencia, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intellectual ao graphá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escreve-las era a de que uma vigorosa mão impulsionava a minha. Doutras vezes parecia-me ter em frente um volume immaterial onde eu as lia e copiava; e doutras que alguém m'as ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço ao psychographa-las, a sensação de fluidos electricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cerebro, que se me afigurava invadido

por incalculavel numero de vibrações indefiniveis. Certas vezes, esse estado attingiu o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões physicas. E' o que experimento, physicamente, quanto ao phenomeno que se produz frequentemente cõmmigo.

Julgo do meu dever, declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-nos sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocassem e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos communicantes, em nossas preces. Passaram-se ás vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escripto algum, e dia houve que se recebeu mais de tres produções litterarias de uma só vez. Grande parte dellas foram escriptas fóra das reuniões, e tenho tido occasião de observar que quanto menor o numero de assistentes, melhor o resultado obtido.

Muitas vezes, ao recebermos uma destas paginas, era necessario recorrermos a dicionarios, para sabermos os respectivos synonymos das palavras nella empregadas, porque tanto eu como os meus collegas as desconheciamos em nossa ignorancia, julgando minha obrigação; frisar aqui tambem, que apesar de todo o meu bom desejo, jámais obtive outra coisa na phenomenologia espirita, a não ser esses escriptos.

Dêvo salientar o precioso concurso da bondosa mediûm Sra. Carmen P. Peracio, que atravez da sua maravilhosa clariaudiencia, auxiliou-me muitissimo, transmittindo-me as advertencias e opiniões dos nossos caros mentores espirituas, e ainda o cãrinhoso interesse do distincto confradè. Snr. Manoel Quintão, que tem sido de uma boa

vontade admiravel para cõmmigo, não poupando esforços para que este despretençioso volume viesse á luz da publicidade.

E aqui termino.

Terei feito comprehender a quem me lê, a verdade como ella é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e noutros risinhos ridicularisadores. Ha de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas paginas humildes. Um desses que haja entre mil dos primeiros e dou-me por compensado do meu trabalho.

A todos elles, todavia, os meus saudaes, com os meus agradecimentos intraduziveis aos bonissimos mentôres do Além que inspiraram esta obra, que generosamente dignaram-se não reparar as minhas incontaveis imperfeições, transmittindo, por intermedio de um instrumento tão mesquinho, os seus salutaes ensinamentos.

Pedro Leopoldo, Dezembro de 1931.

FRANCISCO XAVIER.

O PADRE JOÃO



GUERRA JUNQUEIRO

Abílio Guerra Junqueiro, poeta portuguez nascido em 1850 e desincarnado em 1923, é assás conhecido no Brasil, como épico dos maiores, da lingua portugueza. As suas obras, em que pesem annos e gostos literarios, ainda hoje

são lidas e decoradas com sabor de actualidade, pelos que não estimam na Poesia apenas o malabarismo das palavras, mas o fulgor das idéas. Notavel, sobretudo, pela sua hostilidade á Egreja de Roma, vemos por sua produção de agora, que os annos de além-tumulo não lhe alteraram a sadia e lucida mentalidade, nas mesmas directrizes. E esta circumstancia é tanto mais notavel, quanto o Romanismo se ufana de uma conversão *in-extremis*.

Tombava o dia.
A luz crepuscular
Mansamente descia
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...
O meigo padre João

Um puro coração,
Qual lyrio a vicejar em meio a um pantanal,
Sombava ao pé da igreja, um templo envelhecido
Ao lado de um vergel esplendido e florido,
Sentindo dentro d'alma um frio sepuleral.

O firmamento
Tingia-se de luz brilhante e harmoniosa,
A noite era de sonho e nevoa luminosa.

Padre João meditava orando ao Deus de amor,
Revia em pensamento,
Uma luz singular nas dobras do passado;
Era um vulto sublime, excelso, immaculado,
Que fazia descer o amor ás multidões,
Inflamado de fé, desatando os grilhões,
Que prendiam a alma á carne putrescível,
Uma restea de sol sobre a noite do Horrivel,
Iluminando o mundo, illuminando a vida,
Pensando docemente a putrida ferida
Da imperfeição que róe a torva humanidade
Offerecendo amor em flores de bondade,
Aos peccadores dando amigas esperanças
E augmentando nos bons as bemaventuranças.
Era o meigo Pastor irradiando a luz,
Era o Anjo do Bem, o immaculo Jesus.

O sacerdote então,
Comparou meditando a fulgida visão
Com aquelle Christo nú, de pau inerte e frio,
Immovel dominando o ambito vasio;
Notando a differença, immensa, extraordinaria,
Daquella igreja fria, a ermida solitaria,
Da igreja de Jesus
Feita de amor e luz,
De paz e de perdão
O pharol da verdade ao humano coração.

E viu da sua igreja o erro tão profundo,
Dourando os veus da carne e amortalhando o mundo
Em trevas persistentes,
Por annos inclementes,
Em seculos sem fim.
Conhecendo no padre o gemo de Caim,
Afastado da luz, fugindo aos irmãos seus,
Fugindo deste modo ao proprio amor de Deus,
Padre João meditou nas lutas incessantes
Sustentadas na Terra em prol da evolução,
E viu no mundo infeiro as ancias delirantes
De trabalho, de amor, de eterna perfeição.

Sentiu seu coração, em dores lacerado,
E no sonho da luz fulgente do passado,
Penetrou solugando a ermida enfão deserta,
Teve medo e receio, o espirito gelado,
Sentiu-se no seu templo um pobre emparedado,
E fugindo a correr da porta semi-aberta,
Com o coração sangrando em ulceras de dor,
Encaminhou-se ao campo, á natureza em flor.
Fitou extasiado a natureza em festa,
As arvores, a flor, os mares, a floresta,
E como se o animasse uma chamma divina,
Despiu-se do negrume espesso da batina;
E fitando a chorar o céu estrellejado,
Encheu a solidão com as vozes do seu brado: —

“O’ igreja, não possues a ideia que eu sonhava
A luz radiosa e bella, a luz eterna e rara,
Que nos vem de Jesus;
Tua mão não conduz
A’s plagas da verdade,
Mantendo inutilmente a pobre humanidade,
No mal da ignorancia, turbida e fallaz,
Crestando a fé, roubando a luz, matando a paz.

Tu que esqueces a alma e endeusas a materia,
 Que transformas o padre em trapo de miseria,
 Um farrapo de sombra, exotica e execravel,
 Um phantasma ambulante em treva interminavel!

E' um blasphemo quem crê que em teus nichos e altares,
 Guarda-se a essencia pura e immacula de Deus;
 Eu vejo-O desde a flor ás luzes estrellares,
 Na piedade, no amor, na immensidão dos céus.
 O' igreja, o dogma frio é um calabouço escuro,
 E eu quero abandonar a noite da prisão,
 Prefiro a liberdade e a vida no futuro,
 Guiando-me o pharol da fulgida Razão.
 Desprezo-te, ó torreão de seculos trevosos,
 Ruinas de maldade estultica a cahir,
 Eu quero palmilhar caminhos luminosos
 Que minh'alma entrevê na aurora do porvir!"

Emmudeceu-se o padre. Submergido em pranto,
 Achou mais bello o céu e o seu viver mais santo.

Pairava na amplidão extranho resplendor.
 A natureza inteira em lucida poesia
 Repousava feliz nas preces da harmonia!...
 Era o festim do amor,
 No firmamento em luz,
 Que celebrava
 A grandeza de uma alma que voltava
 Ao redil de Jesus.

VOZ DO INFINITO



AUGUSTO DOS ANJOS

Parahybano. Nascceu em 1884 e desencarnou em 1914, como professor no Collegio Pedro II. Inconfundivel pela bizzarria da technica, bem como dos as-

sumptos de sua predilecção, deixou um só livro — *Eu* — que foi, aliás, sufficiente para lhe dar personalidade original.

I

No excentrico labor das minhas normas
 Na Terra, muita vez, me consumia
 Perquirindo nas leis da biologia
 As expressões organicas das fórmas.

O phenomeno apenas, porque o fundo,
 Do nomeno as eviternas rutilancias,
 Eram partes do Todo das Substancias
 Desde o estado prodromico do mundo.

E com o espirito abscenso em paroxysmos
 No igneo incendio de batalha accesa,
 Via Deus adstricto á natureza,
 Deus era a lei de eternos transformismos.

Concepção pantheistica englobando,
 As substancias todas na Unidade,
 Perpetuando-se em continnidade
 A essencia omniereadora reformando.

O corpo desde o embryão inicial
 Era um mero atavismo revivendo;
 A alma era a mollecula soffrendo
 Afastada do Todo Universal;

Dominava-me todo, o medo horrivel,
 Do meu viver que eu via transtornado,
 Eu era um atomo individualisado
 Em cerebralidade putrescivel.

A' luz dessa dourada ignorancia
 E com certezas logicas, numericas,
 Notava as pestilencias cadavericas
 Iguaes á carne angelica da infancia;

A subtilez do arminho que se veste,
 A corõa aromatica das flores,
 Irmanadas aos putridos fedores
 De emanações pestíferas da peste.

Extravagancia e excesso jamais visto
 De ideia que esterilisa e desensina,
 Loucura que igualava Messalina
 A' pureza lyrial da Mãe de Christo.

Assim vivi na presumpção que via,
 Dos acumes da sciencia e do saber,
 Os principios genericos do ser
 No pantanal da lama que eu vivia.

Vi, porém, a materia apodrecer
 E na individualidade indivisivel
 Ouvi a voz esplendida e terrivel
 Da luz, na luz etherica a dizer: —

II

Louco, que emerges de apodrecimentos,
 Alma pobre, esqueletico phantasma,
 Que gastaste a energia do teu plasma
 Em combates estereis, famulentos...

Em teus dias inuteis foste apenas
 Um corvo ou sangue-suga de defuntos,
 Vendo somente a carie dos conjunctos
 Entre as sombras das lagrimas terrenas.

Vias os teus iguaes, iguaes aos odres
 Onde se guarda o fragmento immundo,
 De todo o estercoco que apavera o mundo
 E as ruins exhalações dos corpos podres.

E tanto viste os corpos e as materias
 No esterquilinio generalisados,
 E os instinctos hydrophobos, damnados
 Em meio de excrecencias e miserias;

Que corrompeste a intima saude
 Da tua alma cegada de amargores,
 Que na Terra não viu os esplendores
 E as luzes ignovomas da virtude.

Olhos cegos ás chammas da bondade
De Deus e a divinal misericordia,
Que espalha o bem e as auras da concordia
No coração de toda a humanidade.

Descança, agora, vibrão das ruinas.
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,
Retempera-te em meio dos perfumes
Cantando a luz das amplidões divinas.”

III

Calou-se a voz. E suffocando gritos
Filhos do pranto que me espedaçava,
Reconheci que a vida continuava
Infinita em eternos infinitos.

MARCHEMOS



CASTRO ALVES

Poeta bahiano, desencarnou a 6 de Julho de 1871 com 24 annos de idade. Moedade radiosa, o autor consagrado de *Espumas Fluctuantes*, exerceu nas redas literarias do seu tempo a mais justa e calorosa das projecções. Nesta poesia sente-se o crepitar da lyra que modulou — *O Livro e a America*.

Ha mysterios peregrinos
No mysterio dos destinos,
Que nos manda renascer;
Da luz do Creador nascemos,
Multiplas vidas vivemos,
Para á mesma luz volver.

Buscamos na humanidade
As verdades da Verdade,
Sedentos de paz e amor;

E em meio dos mortos-vivos
Somos miseros captivos
Da iniquidade e da dor.

E' a luta eterna e bem dita,
Onde o Espirito se agita,
Na trama da evolução;
Officina onde a alma presa
Forja a luz, forja a grandeza
Da sublime perfeição.

E' a gotta d'agua cahindo
No arbusto que vae subindo,
Pleno de seiva e verdor;
O fragmento do estrume,
Que se transforma em perfume,
Na corolla de uma flor.

A flor que, terna, expirando,
Cae ao solo fecundando
O chão duro que produz,
Deixando o aroma leve
Na aragem que passa breve,
Nas madrugadas de luz.

Inda é a bigorna, o malho,
Pelas fainas do trabalho,
A enxada fazendo o pão;
O escopro dos esculptores,
Transformando a pedra em flores,
Em Carraras de eleição.

E' a dor que atravez dos annos,
Dos algozes, dos tyrannos
Anjos purissimos faz;

Transmutando os Neros rudes
Em arautos de virtudes,
Em mensageiros de paz.

Tudo evolue, tudo sonha,
Na immortal ansia risonha
De mais subir, mais galgar.
A vida é luz, é esplendor,
Deus somente é o seu amor,
O Universo é o seu altar.

Na Terra ás vezes se accendem
Radiosos pharoes que esplendem
Dentro das trevas mortaes;
Suas rutilas passagens
Deixam fulgores, imagens,
Em reflexos perennaes.

E' o soffrimento do Christo,
Portentoso, jamais visto,
No sacrificio da cruz,
Synthetizando a piedade,
E cujo amor á Verdade
Nenhuma penna traduz.

E' Socrates e a ciencia,
E' Cesar trazendo a luta,
Tyrannico e lutador;
E' Cellini com sua arte,
Ou a espada de Bonaparte,
O grande conquistador.

E' Anchieta dominando,
A ensinar catechizando
O selvagem infeliz;

E' a lição da humildade,
De extremosa caridade
Do pobrezinho de Assis.

O'! bendito quem ensina,
Quem luta, quem illumina,
Quem o bem e a luz semeia
Nos combates do evoluir;
Terá a ventura que anseia,
Nas sendas do progredir.

Uma excelsa voz resôa,
No Universo inteiro echôa:
"Para a frente caminhae!
"O amor é a luz que se alcança.
"Tende fé, tendê esperança,
"Para o Infinito marchae!"

A' MINHA TERRA



CASIMIRO DE ABREU

Poeta fluminense, desincarnou aos 18 de Outubro de 1850, aos 23 annos de idade, na cidade de Friburgo. Figura literaria

das mais typicas de seu tempo, o autor mallogrado de *Primaveras* ainda aqui se affirma no seu profundo quão suave nativismo.

Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!
A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céo primaveril.

A infancia, um lago tranquillo
 Onde começa a existencia
 E onde os eysnes da innocencia
 Bebem o nectar do amor.
 A mocidade era um hymno
 De melodias suaves,
 Formadas de trinos de aves
 E de perfumes de flor.

O dia, manhã ridente,
 Numa canção da alvorada,
 A noite toda estrellada,
 Depois do doce arrebol;
 E na paisagem querida
 Os ramos das laranjeiras
 E das frondosas manguieiras
 No meio do ouro do sol!

Oh! que clarão dentro d'alma
 Constantemente scismando,
 O pensamento sonhando,
 E o coração a cantar...
 Na delicada harmonia
 Que nascia da belleza,
 Do verde da natureza,
 Do verde do lindo mar!

Oh! que poema a existencia
 De infancia e de mocidade,
 De ternura e de saudade,
 De tristeza e de prazer;
 Igual a um canto sublime,
 Como uma estrophe inspirada
 Na noite e na madrugada,
 Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!
 A transparencia dos lagos,
 As caricias, os afagos
 E os beijos de minha mãe!
 Dos trinos dos pintasilgos,
 Da melodia das fontes,
 As nuvens nos horizontes
 Perdidos no azul do além.

Quando eu cruzava as campinas,
 Sem sombras de soffrimento,
 Descalço, com o peito ao vento,
 Num tempo doce e feliz!
 Os pecegueiros floridos,
 As frondes cheias de amora,
 O manto de luz da aurora
 Os pios das juritys!...

Se a morte aniquila o corpo,
 Não aniquila a lembrança:
 Jamais se extingue a esperanza
 Nunca se extingue o sonhar!
 E á minha terra querida,
 Recortada de palmeiras,
 Espero em horas fagueiras
 Um dia, poder voltar.

ALMAS DILACERADAS



AUTA DE SOUZA

Poetisa norte-rio-grandense, prematuramente desencarnada em 1901, com 25 annos. Talento promissor, lyra suavissima, não lhe conhecemos *Horto*, editado em

Paris em 1910. Sabemos, contudo, que foi um espirito soffredor, melancolico, de sensibilidade delicadissima, qual se evidencia agora nestas produções.

Quando, em dores, na Terra, inda vivia,
Caminhando em asperrimas estradas,
Via presas do pranto e da agonia,
Almas feridas e dilaceradas.

Escutava a miseria que gemia
Dentro da noite de ancias torturadas,
Treva espessa da senda tão sombria
Das creaturas desesperanças.

E eu que era irmã dos grandes soffredores,
Soffria. Crendo, que taes amargores
Encontrariam termos desejados.

E, confiada na crença que tivera,
Cheguei á luz, da eterna primavera,
Onde ha paz para os pobres desgraçados.

ACTO DE CONTRIÇÃO



SOUZA CALDAS

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e ali desencarnado em 1814. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abraçou mais tarde a carreira ecclesiastica, ordenando-se em Roma. Dizem que as suas melhores

composições, as que o levaram a ser preso pelo Santo Officio, perderam-se. Acreditamos que o medium ignorava a circumstancia de ser a *Tradução dos Psalmos de David*, justamente, de suas obras poeticas, a mais apreciada.

A vós
Senhor,
Meu Deus
De Amor,
Minh'alma
Implora
A salvação!

Meu Pae
Bem sei
Que mal
Andei,
Buscando
O erro
E a imperfeição;

Assim
Pequei,
Na treva
Errei,
Ajús
Eu fiz
A' expiação.

Vós sois
Porém,
Pharol
Do Bem!
Ouvi
Dos ceus
Minha oração.

Sois vós
A luz
E junto
A' cruz;
Do meu
Soffrer.
Quero o perdão;

Perdão
Que traz
Socego
E paz

Ao meu
Viver
Na provação.

Supplico-o
A vós,
Na dor
Atroz
Amara
E rude
Da contrição!

Dae ao
Meu ser
Afflicto
Ao ver
O seu
Peccado,
A redempção;

E hei de
Poder
Féliz
Vencer
Do mal
Cruel
O atroz dragão!

O ESPOSO DA POBREZA



JULIO DINIZ

Poeta portuguez desen-
carnado na cidade do
Porto em 1871. Com este
pseudonymo, pois que o
seu nome é Joaquim Gui-

lherme Gomes Coelho, notabilizou-se mais como romancista,
principalmente com *As pupilas do Sr. Reitor*. A edição
posthuma de *Poesias* exaltou, dil-o um commentador, as suas
qualidades primaciaes de prosador, sem embargo de possui-
rem, os seus versos um certo encanto melancolico.

Francisco de Assis, um dia,
Assim que deixara a orgia
No castello,

Entregou-se á natureza,
A' uma vida de aspereza
Num canto doce e singelo.

Abandonara a vaidade,
Buscando a paz da humildade,
A santa luz da harmonia;

E nas horas de repouso,
Francisco em extranho goso
A voz de Jesus ouvia: —

“Filho meu, faze-te esposo,
Da pobreza desvalida,
Emprega toda a tua vida
Na doce faina do bem.
Francisco, ouve! Ninguem
Vae aos ceus, sem a bondade
Que é a grande felicidade
De todos os corações.

Esquece os imperfeições!...
Vae, conforta aos desgraçados,
Sedentos e esfomeados,
Flagellados pela dor.
Quem allivia e consola,
Recebe tambem a esmola
Das luzes do meu amor!”

Francisco chorava e ria
E em divinal alegria,
Via os lyrios e os jasmims
Que não fiam, que não tecem,
Com roupagens que parecem
Vestidos de seraphins;
As aves que não trabalham
e no emtanto se agazalham
Com grãosinhos em farturas,
Entre as flores e entre os galhos,
Que se alimentam de orvalhos
Que lhes descem das alturas.

Via a terra enverdecida
 Estuando de forga e vida,
 As seivas mysteriosas,
 No seio dos vegetaes
 E as ancias cariciosas
 Das almas dos animaes.

E sobretudo, inda via,
 A sacrosanta harmonia
 Do coração soffredor,
 Que não tendo amor, nem luz,
 Tem thesouros de esplendor
 No amor terno de Jesus.

Francisco de Assis, então,
 Submerso o coração
 Em sublimes alegrias,
 Entregou-se ás harmonias
 Vibrantes da natureza,
 Tornou-se o amparo da dor
 E guiado pelo amor
 Fez-se o Esposo da Pobreza.

AS LAGRIMAS



JOÃO DE DEUS

Nascido em S. Bartholomeu de Messines, Portugal e desincarnado em 1896, affirmou-se um dos maiores lyricos da lingua portugueza.

E' tambem conhecido no Brasil quanto em seu bello paiz. Nesta poesia palpita, de modo inconfundivel, a sua vida e o rythmo da sua lyra.

Desei um dia
 Ao sorvedouro
 Da atra agonia
 Da humanidade,
 A procurar
 A preserutar
 Qual a verdade,
 Qual o thesouro
 O mais profundo
 Que neste mundo
 O homem prendesse
 E o retivesse.

E vi então
 No coração
 Da creatura
 Só a illusão
 De uma ventura.

Eu vi senhores
 Que dominavam
 E se orgulhavam
 Do seu poder;
 Sempre a abater
 Os desgraçados,

Os potentados,
Com seus valores,
Bem se julgavam
Omnipotentes,
Heroes valentes,
Cá nesta vida...
Depois, porém,
Reconheceram
E viram bem
Nesta existencia
Toda a impotencia
Do deus-milhão,
Perante a mão
Da fria dor,
Que lhes domava
E lhes dobrava
O torpe egoismo.

Busquei os lares,
Ricos solares
Dos protegidos,
Onde o conforto
Para a materia,
Anda em contraste
Com atroz miseria
Dos desvalidos.
E ainda ahí
Não pude achar
O que ali
Fui procurar.

Eu vi mulheres
Nos seus prazeres,
Jovens e bellas,
Alvas estrellas
De formósura,

Rindo e cantando
Dentro da noite
Da desventura,
Pobres donzellas,
Fanadas flores,
Luz sem fulgores,
Que miseraveis,
Párias da vida,
Deixam o tecto
Do lar affecto
Maior, supremo,
Insuperavel,
Somente encontram
Dores que afrontam
Magua insanavel,
Incomprehendida!

E penetrei
Pelos castellos
Dourados, bellos,
Das diversões,
Onde se aninha
E se amesquinha
A multidão
Que busca rir,
Gosar, sorrir,
A ver se esquece
O que padece,
Julgando crer
Que o que está a ver
E' o paraíso.
Mas este riso,
Ao som da festa,
A' meia luz,
E' o que produz
Todo o amargor,

A maior dor,
Pois eu ali
Tristonho vi
O que é, em verdade,
A sociedade;
Só pensamentos,
Das impurezas,
Só sentimentos
Que trazem presas,
Aniquiladas
E esmagadas,
Ensandecidas
As creaturas,
Outrora puras,
Bellas outrora,
No emtanto agora,
Flores perdidas,
Almas impuras
Desilludidas.
Nesse recinto
Eu vi então,
A trahição
A iniquidade,
A grosseria,
Toda a maldade
Da hipocrisia;
E tudo emfim,
Tristonho assim,
Dissimulado,
Falsificado,
No fingimento
Que apparecia
No barulhento
Rumor de vozes,
Notas atrozes,
De uma alegria,

Jamais sentida,
Desconhecida
Naquelle meio.

Eu contemplei-o
Cheio de horror
E vi que as flores,
As pedrarias
Tão luminosas
Eram sombrias
Eram trevosas
Pois só cobriam
Miseros trapos,
Pobres farrapos
De almas perjuras
Ao seu Creator,
Fracas creaturas,
Baldas de amor.
E, condoído,
Desilludido,
Desanimado,
Num forte brado
Disse ao Senhor: —

“Omnipotente
Pae de Bondade,
O' tem piedade
Dos filhos teus
Que choram, gemem,
Pallidos tremem
O' Senhor Deus!
Faze que a luz
Do bom Jesus,
Penetre a alma
Na Terra afflicta
Dando-lhe calma

Que necessita.
Só conheci
E encontrei
Só contemplei
O mal que vi."

Mas uma voz
Do Azul do Ceu
Prompta e veloz
Me respondeu: —

"Filho bemdito
Do meu amor,
Sou teu Senhor
E no Infinito
Tudo o que fiz,
Nada se perde
Assim tornando
O ser feliz;
Contempla ainda
A Terra linda
E então verás,
Donde provem
A grande paz,
O summo bem.
O gran-thesouro
Mais fino ouro
Dos filhos meus,
Está na luta,
Nos prantos seus
Que lhes transforma
A alma polluta
Num ser radioso,
Astro formoso
De pura luz!"

Eu ajoelhei
E contemplei
As multidões,
Atropeladas
Desenganadas
Nas perdigões.
Vi transformadas
Todas as scenas;
Em todos os seres,
Homens, mulheres,
Jovens, creanças,
Nas grandes penas
Nas esperanças,
Por entre luz,
Por entre flores
Brotar a flux
No coração
De cada ser,
Em profusão
Gottas pequenas,
Como as brilhantes
Luzes serenas
Das madrugadas
Primaveris.

Reconheci
Que por ahí
Na ingrata Terra,
Onde eu amei,
Sorri, chorei,
Onde soffri,
E onde eu vi
A dura guerra
A amarga dor,
Lagrimas bellas,
Gottas singelas,

Meigas, serenas,
Eram assucenas
De fino odor
Do espaço azul!

Depois eu vi
Que os que as vertiam
Por este mundo,
Valle profundo
De magna e dor,
Quando voltavam
Do seu exilio,
Eram saudados
Por mensageiros
De amor e luz
Do bom Jesus,
Que os coroavam
Com gemmas finas,
Joias divinas
Do eserinio santo,
Primor de encanto
Do amor de Deus.
Fui então vendo,
Reconhecendo
Que aqui nos Ceus,
Lagrimas lindas
São transformadas,
Remodeladas,
Para formarem,
Bello diadema
E aureolarem

Os que as verteram
Ahi na Terra.

Eu vi, então,
Em profusão,
Gemmas brilhantes,
Alvinitentes,
Ricas, fulgentes
E deslumbrantes,
Que nem Ophiu
Jamais possuiu.

Sejam bemditas,
As pequenitas
Gottas de pranto
Orvalho santo
Do amor divino
Que dá ventura,
Tranquillidade,
Felicidade
Ao peregrino.
Bemdito o Pae,
O Nosso Deus,
Que abranda o ai
Dos filhos seus;
Que a alegria
E a paz envia
A' humanidade
Tão soffredora,
Com a lagrima bella
Luzente estrella
Consoladora.

MEU BRASIL



PEDRO DE ALCANTARA

O ultimo imperador deixou alguns sonetos, que, bem o sabemos, ha quem diga não serem da sua lavra. Ignoramos por que D. Pedro II, alma bonissima, vibratil e espirito cul-

to, não pudesse fazer o que fizeram e fazem tantos outros patrios nossos, a ponto de ser correntio o conceito de que todo o brasileiro é poeta aos 20 annos. De qualquer forma, entretanto, o que se não poderá negar, é a estreita affinidade deste sonetos com os que, como d'elle, conhecemos.

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,
Bastas vezes sentia mal desperto
Com o coração pulsando, estar já perto
Do patrio lar, risonho e bonançoso.

E deplorava o rumo escuro e incerto,
Do meu desterro amargo e desditoso,
Desalentado e fraco, sem repouso,
O coração em ulceras aberto.

Enviava a chorar na aura fagueira,
Minhas recordações em ternã prece,
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dôr, emfim, pudesse
Arrebatá-me á vida verdadeira,
Onde a luz da verdade resplandece.

A' VIRGEM

BITTENCOURT SAM-
PAIO

Sergipano, nascido na cidade de Laranjeiras, desincarnou-se no Rio de Janeiro em 1895. Foi politico activo, deputado por sua provincia em duas legislaturas e Presidente

do Espirito Santo. Director da Bibliotheca Nacional e jornalista de merito.

A fonte de onde respigamos estes dados, aponta *Poesias* (1859) e *Flores Silvestres* (1860), mas omitta a maior das suas obras, que é *A Divina Epopéa*, ou seja o Evangelho de João em magnificos versos brancos, taes como estes. Mas... é que Bittencourt Sampaio foi, no ultimo quartel da vida terrena, um dos mais brilhantes e destemerosos paladinos da Revelação Espirita. E, como tal, ainda hoje se manifesta, por dar-nos obras como *Jesus perante a Christandade*, verdadeiro poema em prosa.

Vós sois no mundo a estrella da esperanza,
A salvacão dos naufragos da vida,
A custodia das almas soffredoras,
Consolacão e paz dos desterrados

Do venturoso apriseo das ovelhas
De Jesus Christo, o Filho muito amado!
Fanal radioso aos pobres degredados,
Anjo guiador dos homens desgarrados
Do evangelho de luz do Filho vosso.
Virgem formosa e pura da bondade,
Providencia dos fracos peccadores,
Astro de amor na noite dos abysmos,
Clarão que sobre as trevas da cegueira
Expulsa a escuridão das consciencias.
Virgem da piedade e da pureza,
Estendei vossos braços tutelares
A' humanidade inteira, que padece,
Espiritos na treva das angustias,
No tenebroso barathro das dores,
Mergulhados nas tredas tempestades,
Do mal que obscurece-lhes a vista;
Cegos desventurados caminhando
Em busca de outras noites mais escuras.
Legião de penitentes voluntarios,
Afastados do amor e da verdade,
Fugitivos da luz que os esclarece!
Anjo da caridade e da virtude,
Estendei vossas azas luminosas
Sobre tanta miseria e tantos prantos,
Dae fortaleza áquelles que fraquejam
Apiedae-vos dos frageis caminhantes,
Iluminae os cerebros descrentes,
Fortalecei a fé dos vacillantes,
Clareae as sendas obscurecidas
Dos que se vão nos pantanos dos vicios!...
Existem almas miseras que choram,
Amarradas ao potro das torturas,
Os coraçoes farpeados de amarguras
Enxugae-lhe as lagrimas penosas!
Virgem immaculada de ternura,

Abençoe os mansos e os humildes
 Que acima de europeis enganadores,
 Põem o amor de Jesus, eterno e puro;
 Dulcificae as magoas que laceram
 Pobres almas afflictas na voragem
 Das provações mais rudes e amargosas.
 Estendei, Virgem pura, o vosso manto,
 Constellado de todas as virtudes
 Sobre a nudez de tantos soffrimentos
 Que espedaçam as almas exiladas.
 No orbe da expiação que regenera,
 Elle será a luz resplandecente
 Sobre a miseria dos padecimentos
 Afastando amarguras, concedendo
 Claridades á estradas pedregosas,
 Conforto ás almas tristes deste mundo,
 Porto de segurança aos viajantes,
 Clarão de sol nas trevas mais espessas,
 Pharol brilhante illuminando os trilhos
 De todos os viajores que caminham
 Pela mão de Jesus, doce e bondosa,
 O pão miraculoso repartido
 Entre os esfomeados e os sedentos
 De paz que os acalente e os conforte!
 Virgem, Mãe de Jesus, anjo de amor,
 Vinde a nós que na luta fraquejamos,
 Ajudae-nos afim de que a vençamos.
 Vinde, piedosa Virgem de bondade,
 Cremos em vós, na vossa alma magnanima,
 Vinde!... dae-nos mais força e mais coragem,
 Derramae sobre nós o effluvio santo
 Do vosso amor que ampara e que redime;
 Vinde a nós! nossas almas vos esperam,
 Almas de filhos miseros que soffrem,
 Attendei nossas supplicas, Senhora,
 Providencia da pobre humanidade!...

A' MORTE



ANTHERO DO QUENTAL

Nascido em S. Miguel dos Açores em 1842 e desencarnado por suicidio, em 1891. E' vulto eminente e destacado nas letras portuguezas.

O' Morte eu te adorei, como se foras,
 O Fim da sinuosa e negra estrada,
 Onde habitasse a eterna paz do Nada
 A's agonias desconsoladoras.

Eras tú a visão idolatrada
 Que sorria na dor das minhas horas,
 Visão de tristes faces seismadoras,
 Nos crepes do Silencio amortalhada.

Busquei-te eu que trazia a alma já morta,
Escorraçada no padecimento,
Batendo allucinado á 'tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,
Por onde penetrei no Soffrimento,
Numa senda mais triste e mais sombria.

NA ETERNA LUZ



CASIMIRO CUNHA

Poeta vassourense, nasceu aos 14 de Abril de 1880 e desencarnou em 1914. Pobre, muito pobre e cego, ao demais espirita confesso, não teve maior projecção no cenaculo literario do seu tempo, mau grado a suavidade da sua musa e innatos talentos literarios. Ha na sua existencia terrena uma triste particularidade a assignalar, qual a de haver perdido uma vista aos 14 annos, por accidente, para de todo cegar da outra aos 16. Orfão de pae aos 7 annos, apenas frequentou escolas primarias. Era um espirito jovial e forte no infortunio, que elle sabia aproveitar no embrocimento da sua Fé. Se tivesse tido maior cultura, attingiria ás maiores culminancias do firmamento literario.

Quando parti deste mundo,
Em busca da immensidade,
A alma anciosa da Verdade,
Do azul immenso dos ceus,
Fugi do pezar profundo,
Lamentando os soffrimentos,
As magoas, os desalentos,
Confiado no amor de Deus.

Mal, porém, abriu os olhos
 Em meio de luzes puras,
 Nas radiantes alturas,
 Em celico resplendor,
 Compreendi que os abrolhos
 Que a Terra me offerecera
 Eram mesmo a primavera
 Do meu sonho todo em flor.

Disseram-me então: — “O’ erente,
 Que chegues a estas plagas,
 Fugindo das grandes vagas
 Do mar revolto das lutas,
 Aportae serenamente
 Nesta estancia do Senhor,
 Pois aqui existe o amor
 Nestas almas impollutas!

Aqui existe a pureza,
 A meiga flor da Bondade,
 O aroma da Caridade
 Perfumando os corações;
 Não se conhece a torpeza,
 Da lamina — hypoerisia,
 Que mata toda a alegria,
 Provocando maldições.

Aquelles que já soffreram
 No dever nobilitante,
 Cujo peito sempre amante,
 Só conheceu dissabores,
 Aquelles que conheceram
 As feridas dolorosas
 Dessas magoas escabrosas,
 De um triste mundo de dores,

Encontram nestas moradas
 Tão formosas, resplendentes,
 Os clarões resplandescentes
 De affectos immorredouros!
 As almas immaculadas
 Os cercam nas boas vindas,
 Luminosas, sempre lindas,
 Offertando-lhes thesouros;

Os thesouros peregrinos,
 Formados de amor e luz
 Do Mestre Amado — Jesus,
 Arauto do Omnipotente,
 Os reflexos divinos
 Quaes lyrios illuminados,
 Alvos, bellos, deificados
 Penetrarão sua mente.

Accordae pois, ó vivente,
 Contemplae-vos nesta vida,
 Que vossa alma ensandecida
 Procure a luz que avigora.
 O Senhor sempre elemente,
 Concede-vos neste instante
 A benção dulcificante,
 Do seu amor, doce aurora.

Sacudi o pó da estrada
 Que trilhaste na amargura,
 Pois agora na ventura
 Fruireis consolações;
 Nesta esphera illuminada
 Que aportaes neste momento,
 Não vereis o soffrimento
 Retalhando os corações.

Só vereis clarões de luz
 A despontar nestas almas,
 Tornadas em bellas palmas
 Das mansões do Creador.
 Bendizei, pois, a Jesus,
 O Mestre da Caridade,
 O Luzeiro da Bondade,
 O grande mestre do Amor!

Então eu vi que na Terra
 Em meio da iniquidade,
 Na tremenda tempestade
 Das dores, de expiações,
 A nossa alma que erra
 Tão longe das grandes luzes,
 Só aproveita das cruces
 Das amargas provações.

Venturoso abençoei
 A dor que amaldiçoara,
 Que renegar eu tentara.
 Como os miseros atheus.
 E, feliz, então busquei
 As bençãos, flores brilhantes,
 Alvoradas fulgurantes
 Do amor immenso de Deus.

MEDITANDO

UM DESCONHECIDO.

Eu fui daquellas almas que viveram
 Sem conhecer da Terra, os paraísos,
 Que somente a amargura dos sorrisos
 Pela noite das dores, conheceram.

Não que eu fosse infeliz e desditoso,
 Pois fui também humano entre os humanos
 E atravez dos meus dias, dos meus annos,
 Se eu quizesse gozar, teria o gozo.

E' que ao sentir no amago do peito,
 A attitude do homem nessa vida,
 Coração enganado, alma illudida,
 Afastado do Puro e do Perfeito;

O meu ser que sonhara a humanidade,
 Qual um ramo de flores perfumosas,
 Viu as almas tremerem, desditosas
 Sob o peso da propria iniquidade.

E isolado nos grandes soffrimentos
 De ser só, na aspereza dos caminhos.
 Encontrei o prazer pelos espinhos,
 Ao trilhar os carreiros dos tormentos.

Pois no mundo pequeno da minh'alma,
 Quando em dor me envolvia a desventura,
 Eu vislumbra a luz brilhante e pura
 Que me trazia a paz, bonança e calma —

Era a luz que me vinha da visão,
 De ver o Christo-Amor, entre cansaços,
 E tinha então prazer de ver meus braços
 Enlaçados na cruz da provação.

ANCIEDADADE



CRUZ E SOUZA

Catharinense. Funcionário publico, encarnou-se em 1862 e desprendeu-se em 1898. Poeta de emotividade delicada, soube, mercê de um symbolismo inconfundivel, marcar a sua individualidade literaria.

Todo esse aneio que tortura o peito
 Estrangulando a voz exausta e rouca,
 Que em cada canto estruge e em cada bocca
 Faz o soluço do ideal desfeito;

Anciedade fatal de que se touca
 A alma do homem mau e do perfeito,
 Sobe da Terra pelo espaço eleito
 Numa immensa espiral, extranha e louca,

Formando a rede eterna e incompreendida,
 Das illusões, dos risos, das chimeras,
 Das dores e da lagrima incontida;

Essa anciedade é a mão de Deus, nas eras
 Sustentando o fulgor da luz da Vida,
 No turbilhão de todas as espheras!...

CARIDADE

GUERRA JUNQUEIRO.

Cahia a noite em paz. Crepusculo. Horas quedas.
 Horas de solidão. Pelas planicies ledas,
 A aza ruflando inquieta, os meigos passarinhos
 Recolhiam-se á pressa em busca dos seus ninhos!
 Repousavam, tremendo os colibris doirados,
 Pipilavam febris na beira dos telhados,
 Reunidas no lar caricioso e terno,
 Andorinhas gentis, tardigradas do inverno:
 As arvores senhoris, despidas dos seus galhos,
 Como braços em cruz, sangrentos nos trabalhos,
 Elevavam-se ao ceu silenciosas, mudas,
 Sentinellas da dor nas regiões desnudas;
 Uniam-se nos ovis as ovelhinhas mansas,
 Os risos dos aldeões e as orações das creanças,
 Casavam-se formando em ruinas soberanas,
 Os poemas de luz, que nascem das choupanas,
 Canções de oiro e de sol das almas virginaes,
 Exhalando, a sorrir, o aroma dos trigaes;
 Almas angelicas, relicarios da essencia,
 Da verdade e do amor, do amor e da innocência,
 Almas feitas de luar, de candida freseura,
 Vivendo a vida doce, immaculada e pura
 De quem ama a existencia placida da aldeia
 Cujos sonho é candura e a vida uma epopeia,
 De louvores á dor, de exaltações de prantos!...

Cahia a noite em paz, por entre os negros mantos
De espessa escuridão. Sinistramente, a lua,
Rolava na amplidão como cabeça núa,
Como poça de sangue, horrendamente informe...

O silencio pesava impressionante e enorme!

Nevava quasi e a treva espessa e fria,
Era bem a visão da magoa e da invernía;
Enchia-se o ar de gelo igual a açoite de aço,
Que vibrasse, cortando, a immensidão do espaço.

E eu pedia ao Creador da immensidade etherea,
Que estendesse o seu manto aos hombros da miseria,
Que agasalhasse o pobre e que desse ao mendigo,
Um frangalho de pão e um momento de abrigo,
Que puzesse suas mãos benevolas e puras,
Sobre o abysmo voraz de tantas amarguras;
Que levasse o amor, onde faltasse o lar,
Onde sobrasse a angustia, onde andasse o penar.

Em mim, sentia a dor dos que não têm carinhos,
Que se vão de longada ao longo dos caminhos,
Sem temer a hediondez das negras horas mortas
Pedindo a soluçar um caldo negro ás portas!
E sondava o amargor dos operarios rudes,
Filhos da obediencia, anhos de mansuetudes,
Que vão cedo ao trabalho, á lide que os consome,
Deixando a casa entregue ás penurias da fome.
Pesava toda a dor que o mundo inteiro cobre,
O castello real e a cabana do pobre,
A dor que faz da Terra um ninho de infelizes,
Que palpita nos reis, que anda nas meretrizes;
A dor que dobra e vence as multidões ignaras,
Que derruba os casacs e come o pão das searas!...

Quando vi resplender nas bandas do occidente,
Uma excelsa visão que andava mansamente:
Tinha nas mãos de luz, ramalhetes de lyrios,
E no olhar a expressão de todos os martyrios;
Digna como um juiz, fulgente como a luz,
Que dimana do amor divino de Jesus.
Seu luminoso olhar esplendido e profundo
Era como a piedade illuminando o mundo;
Suas faces e a fronte alvas como alabastros;
Pareciam do alvor das estrias dos astros.
Emittia esplendor sua tunica de arminhos,
Dissolvendo os sendaes das trevas dos caminhos!...

Quem és tu? — murmurei.

— “Chamo-me Caridade,

Emissaria de Deus a toda a humanidade,
Pairo por sobre um ser, resplandecente e puro,
Como paio a sorrir por cima de um monturo;
Desço das vastidões dentro das horas mudas,
Deixo Christo na cruz para encontrar com Judas.
Amo os bons e protejo as almas vis e hediondas,
Ando por toda a terra, ando por sobre as ondas,
Do oceano a rugir sob meus pés de nevoa;
Para levar a luz e com anciedade, levo-a,
A quem nas afflicções, chama-me em altos brados,
No turbilhão de horror de todos os peccados.
Para mim não existe, a classe, a seita e as gentes,
Abranjo em meu amor a alma dos continentes;
Atravesso o oceano e atravesso os paizes,
Vou onde exista a miseria e onde exista infelizes.
Sou o pharol da legião dos pobres soffredores,
Levo o sol, o pão e a luz, balsamizando as dores;
Conduzo com avidez o lucido estandarte,
Do bem que ampara a dor e vela os sonhos d'arte.
Amo o labor da sciencia e amo a existencia honesta
Do ingenuo lavrador que em vez do somno á sesta,

Enche com o seu trabalho as lindas manhãs claras,
 E quando a tarde chega, engendra a paz das searas.
 Amo o trabalhador, como adoro as boninas,
 Que se entreabrem na estrada, adornando as campinas,
 As rosas festivas das frescas alamedas,
 Que abarrotam de odor as primaveras ledas.
 Amo o goivo e o lilaz, como amo o luto e a festa,
 Amo a fêra bravía e as aves da floresta;
 Guardo commigo a dor, as magoas, as esp'ranças,
 Idolatro os senis, como idolatro as creanças.
 Vivo fóra do plano immundo da materia,
 Confortando o amargor, consolando a miseria;
 E' por isto talvez, que, commovida eu oiço,
 O grito da casa nobre e o echo do calaboiço;
 Visito os hospitaes, creches e orphanatos,
 Sem toques de clarins e sem espalhafatos;
 Vou ao carcere escurro, entro nos palacetes,
 Desço ao subterraneo, elevo-me aos minaretes,
 Estou dentro do templo e dentro dos prostibulos.
 Ao pé do altar da fé, no sopé dos patibulos;
 Oro em qualquer lugar, nas ermidas, nos montes,
 Subo da Terra ao Céu. Não conheço horizontes.
 Não conheço nações, corro do brejo aos soes,
 Beijo um cadaver nú, como oseculo ós heroes.
 Nunca a lisonja fiz, nem recebo homenagens,
 Trato com o mesmo amor os cultos e os selvagens.
 Jamais pude escolher entre Roma e Paris.
 Não me regem as leis que regem um paiz.
 Minha missão é amar. Amo o templo e amo a escola,
 Amo o bem que allivia, amo o bem que consola."

"Caridade! — tornei. Porque volves ao mundo?
 O mundo é o mesmo chaos, o mesmo charco immundo.
 A humanidade é a mesma alma de phariseus,
 Que não te quer, nem quer o amor do proprio Deus!
 O homem não se mudou. E a tola sociedade,

E' o nojento paul da criminalidade,
 Lodo phenomenal de descrença e malicia.
 Vae! consulta as prisões e consulta a policia.
 Onde puzeste a luz, onde fundaste a escola,
 O homem poz o missal, as batinas e a estola.
 Onde foste ensinar cantigas ás ceifeiras,
 O homem fez barregãs que se vendem nas feiras!
 Onde andaste a crear a cidade e os imperios
 Elle fez podridões de tábidos cemiterios,
 Onde creaste o ideal e a inspiração divina,
 Fez a bomba explosiva, a forea e a guilhotina.
 A sociedade vil é quasi a mesma Imperia,
 Rindo na podridão, transudando a miseria.
 Morre o bem, morre o amor, causa nojo a politica,
 Causa asco e pavor esta velha syphilitica,
 Que brada sem cessar: — "Inda grita a canalha?
 Abra-se-lhe a prisão, jogue-se-lhe a metralha.

E se alguém reclamar ha canhões, na Allemanha,
 Se o canhão não chegar, ha mosteiros na Hespanha,
 Onde existe o grilhão dentro de escuras cellas,
 Cellas que são prisões, cheias de sentinellas.
 E se o povo chorar, que se agoite esse povo!
 A cada reclamação responda um imposto novo.
 Mate-se a mocidade, asphixie-se a infancia,
 Propague-se a impiedade, espalhe-se a ignorancia,
 De nada serve o livro a um povo sempre cego.
 E se a fome vier, ponha-se a honra ao prego.
 Para que se não veja a ruina e os cemiterios,
 Se o estrangeiro chegar — Bailes nos ministerios!
 Musicas sobre a dor, flores sobre os lameiros,
 Girandolas ao ar, honras aos forasteiros!
 Sedas por sobre a lepra, aromas sobre os fedores
 Fogo a quem mendigar! morte a quem sinta dores!...
 Ao raiar a manhã, toque-se para a missa,
 Que esta plebe é de cães, que esta plebe é submissa.

E esse povo infeliz dorme pelas calçadas,
Almoça e ceia o luar, morre sob pauladas —
E á podre sociedade é igual á religião,
Que encarcera o ideal dentro da inquisição!
Principalmente Roma, a esta nada escapa,
Demonstrando o conflicto entre Jesus e o Papa.
Je us amava a luz, o Papa o oiro vil,
Jesus amava o pobre, o Papa a Rotschild!
Que queres, Caridade? o mundo é sempre assim,
Sacrifica um Abel para aceitar um Caim!"

— "Antes de tudo, amigo, eu não sei, não discuto;
Eu só quero saber onde ha miseria e luto.
Raciocina, poeta!

A alma da caridade,

Abomina o rumor que alimenta a vaidade,
Para o seu labutar, toma vestes singelas;
Para fazer o bem corre o fecho ás janellas.
Não lê Anacreonte e ignora Petrarca;
Não reconhece a lei que emana dos monarchas.
Nunca soube notar, nem sabe discernir,
Qual delles foi maior, se Goethe ou Shakespeare,
Se houve o pinceel de Goya e o buril de Bordallo,
Se Caligula quiz endearse um cavallo;
Se o nome de Mafoma é o mesmo que Mahomet,
Se houve no tempo antigo uma arca de Noé;
Se a Patti cantou bem pelas festas mundanas,
Se viveram maus reis, entre más soberanas;
Não entende Voltaire, nem más litteraturas,
Somente lhe interessa, a sorte das creaturas.
Nunca soube enxergar se ha Luthero e Jesuitas,
Sabe somente ver as dores infinitas.
Não vae á Roma ver o papa que se cobre,
De fulgentes milhões para humilhar o pobre.
Não vae á Terra Santa em peregrinações,
Jamais toma logar para fazer sermões.

Passa no mundo a pé, jamais anda de sege,
Nem sabe distinguir entre um pária e Carnegie.
Nunca aos concilios foi dar suas opiniões,
Nunca reza em latim, nunca fez procições.
Jamais focalisou questões eleitoraes,
E não vae desfolhar miseria nos jornaes.
Entra no lupanar, não lhe estorva a politica,
Não lhe pode abalar a opinião da critica.
Nunca viu povoleus, nem divisa a ralé,
Nem problemas sociaes, nem dogmas de fé!
Rejeita a excommunhão, jamais amaldiçoa.
Sabe somente que ama e tambem que perdõa.
Sabe apenas que ha pranto ao longo dos caminhos,
Que falta o amor e o pão, agua e calor nos ninhos.
Corre sem se cançar, desde o nascer da aurora,
Para buscar a dor da orphandade que chora.
Conhece apenas que ha a turba de torturados,
Tanques de podridões, maltas de desgraçados.
Sabe onde falta sol, onde escassa é a saude,
Onde se mette a flor excelsa da virtude.
Olha sem se anojar, magoas, miserias, dor,
Não conhece opinião, segue a Nosso Senhor!
Anda no Novo Mundo, corre por toda a Europa,
Mendigando uma luz e um bocado de sopa,
Luz para desfazer a baixaza de instinctos,
Sopa para matar a fome dos famintos.
Foge da discussão e não está nas pelejas,
Nem no ambiente hostile e estreito das egrejas.
Sabe amar e querer flores e passarinhos,
Os mendigos e os reis, os palacios e os ninhos!
Tem abnegação. Sabe rasgar o peito,
E escrever com seu sangue a Justiça e o Direito!
Sabe o amor. Sabe o bem. A alma da caridade,
Sabe endearse a luz e adorar a verdade.
Vae a todo o logar, recondito e diverso,
Não existe num mundo. Existe no Universo.

Poeta amigo, adeus! Ha muito, que me espera,
 A immensidão da dor. Procuo a pomba e a féra.
 Tenho muito a prestar ás ovelhas transviadas,
 Que ouvem as tentações do beiral das estradas.
 E' preciso que eu vá visitar os covis,
 Amparar o chacal, as aves e os reptis;
 Necessario é que eu siga em minhas romarias,
 Procurando os pardaes, melros e cotovias.
 Vou subir á collinas e descer aos vallados,
 Caçando o pranto é a dor dos pobres desgraçados.
 Chama-me o soffredor, chama-me a orphandade,
 Necessario é que lhes leve a vida e a liberdade.
 Se tua alma quizer inda encontrar-me um dia,
 Deseo ao antro sem paz, donde foge a alegria;
 Vae sem medo e receio á lobrega mansarda,
 Onde tarda a saude e onde o conforto tarda.
 Vae ás roças louças, nas alyoradas claras...
 Estou com o lavrador na tarefa das searas.
 Como do seu farnel, tomo o arado e a charrúa,
 Lá me ponho a lidar e de lá volto á rua.
 Para guiar os maus, para guiar felizes;
 Minha missão é amar os vermes e os paizes!..."

Muito tempo passara e a noite inda era escura.
 Noite de neve atroz, noite de desventura!
 Foi-se a linda visão, dissipando as neblinas,
 Repartindo o seu pão de caricias divinas.

Tudo voltou á paz silenciosa e calma!...
 O inverno e o pezar; e aos olhos da minh'alma,
 O mundo famulento, a Terra, parecia.
 O planeta da sombra e a mansão da agonia!

O NOBRE CASTELLÃO

UM DESCONHECIDO.

No interior
 Do esplendido alcaçar,
 Agonisava o senhor,
 Dos dominios extensos.
 O dono do solar
 Nos espasmos intensos
 Da agonia,
 Em torno dirigia,
 Um ultimo olhar
 E viu então
 O seu brazão
 Invicto e glorioso,
 Inculpido nas fulgidas realezas
 Do castello formoso
 Transbordante de glorias e riquezas!

Alongando a sua vista,
 Viu seu feito de esplendida conquista
 Nas grandiosas searas,
 Que em suas mãos avaras
 Foram armas cruéis, destruidoras
 Martyrisando as almas soffredoras.

Contemplou seus thesouros passageiros,
 E em espasmos convulsos, derradeiros,
 Oppresso o coração,

Mergulhado no pranto mais profundo,
 Expirou para o mundo
 O nobre castellão.
 A sua alma despida das grandezas,
 Das terrenas ephemeras realezas,
 Bem após o transcurso de alguns annos,
 De triste lethargia,
 Foi um dia
 Despertada em amargos desenganos;
 Conturbado por agros dissabores,
 Contemplou seu solar,
 Occupado por outros moradores.
 A exclamation,
 Extranhou revoltado,
 Que ninguem acudisse ao seu chamado.
 E em attitude austera,
 Tomado de energia,
 De colera severa
 Já que elle era o senhor,
 Reclamou os seus servos com calor
 E, entretanto, nenhum lhe obedecia.
 Immerso em confusões,
 Somente ás vezes,
 Escutava nos ditos mais soezes,
 Terriveis maldições,
 Das victimas de antanho,
 E o seu soffrimento era tamanho,
 Em ser incomprehendido
 Que se julgou perdido
 Irremissivelmente;
 Assim constantemente,
 Durante o transcorrer de muitos dias,
 Conservou-se naquellas cercanias
 Como presa feroz
 Do soffrimento atroz,
 De continuos pezares e agonias.

Todavia,
 O pobre soffredor
 No auge do amargor,
 Recordou-se que havia
 Um Pae Omnipotente,
 E cheio de fervor,
 Humilde penitente,
 Implorou seu amor,
 Numa supplica em lagrimas de pena;
 Sua alma soffredora,
 Sentiu-se então mais calma e mais serena
 Penetrada de doce claridade,
 De luz confortadora,
 Que lhe vinha de alguem,
 Que lhe fazia
 Meditar na grandeza da Verdade
 E lhe dizia
 Da belleza do Amor, da luz do Bem: —
 “O que soffres, amigo, é a consequencia
 Da equivocá existencia
 Que levaste,
 Já que sem piedade, aniquilaste,
 Muitas almas e muitos corações,
 Que têm para ti, neste momento,
 De amaro soffrimento
 Somente maldições.

Porque é que aquellas flores tão formosas
 Que na terra colheste,
 Nunca as offereceste
 A's almas desditosas?
 Porque não concedeste um só boecado
 Do teu pão abundante
 Ao pobre esfomeado?
 Occupando-te em goso, a todo o instante,
 Jamais vestiste os nús, nem consolaste

PARNASO DE ALEM TUMULO

Aquelle que soffria;
Desprezavas o fraco e nunca amaste
Quem de ti carecia!

A caridade

O sentimento-luz, a flor-thesouro
Não tiveste em teus dias de maldade
No grande sorvedouro!

Porém, o Deus de Amor,

E' sempre o magnanimo Senhor,
E permite que voltes aos humanos,
Para que se dissipem teus enganos

No amargor;

Voltarás,

Porém, já não etrás

Ephemeras venturas,

Serás agora o escravo e não senhor;
Conhecerás

As dôres e amarguras,

As maguas escabrosas

Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençoá o Senhor

Que te concede a dor,

Para assim comprehenderes

Que os reaes e legitimos prazeres

Que da vida nos vêm,

Não residem no Mal e sim no Bem."

CONTRASTES

AUTA DE SOUZA.

Existe tanta dor desconhecida
Ferindo as almas pelo mundo em fóra,
Tanto amargor de espirito que chora
Em cansaços nas lutas pela vida;

E ha tambem os reflexos da aurora
De ventura que torna a alma florida,
A alegria fulgente e estremecida
Aureolada de luz confortadora.

Ha, porém, tanta dor em demasia,
Sobrepujando instantes de alegria,
Tanto desanimo e tantas desventuras,

Que aquelle que envenena-se no goso,
Deve fugir das horas de repouso
Minorando as alheias amarguras.

A DOR

AUGUSTO DOS ANJOS.

Donde vem essa força absoluta,
Que é a dor insaciavel que estraçalha,
Com a inflexibilidade da metralha
Que inutiliza os corpos para a luta;

Clava feroz, terrivelmente hirsuta,
Com anthropophagismos de batalha,
Ferindo com arithmetica que não falha,
E que incessantemente nos prescruta?

Não nasce de um designio divino,
Nem de fatalidades do destino
Que destróe nossas cellulas sensitivas;

Vem-nos dos proprios males que engendramos
Em cujo ignoto barathro afundamos,
Atravez de existencias successivas.

ANJINHOS

CASIMIRO CUNHA.

O' mães que choraes na vida
Os vossos ternos anjinhos,
Que quacs meigos passarinhos,
Seindiram o espaço azul
Deixando-vos sem conforto,
O peito dilacerado,
O coração desolado,
A alma tristonha e exul!

Reconhecei que na Terra
Só se conhecem as dores,
Os prantos, os amargores,
As frias noites sem luz,
E os vossos filhinhos ternos,
Quacs centelhas luminosas
São as flores mais formosas
Das moradas de Jesus.

Elles são bem mais felizes
Nas radiantes alturas,
De outras rutilas esferas,
Em meio das luzes puras

Pois que vivem immortaes,
 Nos espaços deslumbrantes,
 Quaes reflexos brilhantes
 Das celinas primaveras.

Visitam os vossos lares
 Como genios protectores,
 Offertando-vos as flores
 Do seu affecto eternal;
 Osculam-vos, ternamente,
 Infiltrando-vos coragem.
 A transpordes a voragem
 Do abysmo negro do mal;

Alegrae-vos, pois, ao verdes
 Quando partem sorridentes,
 Venturosas, innocentes,
 Como fulgidos clarões;
 Elles farão despertar
 As alvoradas formosas
 De luzes esplendorosas
 Dentro em vossos corações.

DEPOIS DA MORTE

ANTHERO DO QUENTAL.

I

Apenas dor no mundo inteiro eu via,
 E tanto a vi, amarga e inconsolavel,
 Que num veu de tristeza impenetravel,
 Multiplicava as dores que eu soffria.

Se vislumbrava o riso da alegria,
 Fóra dessa amargura inalteravel,
 Esse prazer só era decifravel
 Sob a illusão da eterna phantasia.

Ao meu olhar de triste e de descrente,
 Olhar de pensador amargurado
 Só existia a dor, ella somente.

O goso era a mentira dum momento,
 Os prazeres, o engano imaginado
 Para augmentar a magua e o soffrimneto

II

Misanthropo da sciencia enganadora,
 Trazia em mim, o anceoio irresistivel

De conhecer o Deus indefinivel
Que era da dor, visão consoladora.

Não O via e, no entanto, em toda a hora,
Nesse anhelô cruciante e intraduzivel,
Podia ver, sentindo o Incognoscivel,
E a sua omnisciencia creadora.

Mas os fatuos orgulhos e a descrença;
Guiavam-me a existencia desolada;
Recamada de dor profunda e intensa;

Pela voz da vaidade então eu cria
Achar na morte a escuridão do Nada,
Nas vastidões da terra humida e fria.

III

Depois de extravagancias de theoria
No seio dessa sciencia tão voluvel,
Sobre o problema magno, insoluvel
De ver o Deus de Amor, de quem deseria;

Morri, reconhecendo, todavia,
Que a morte era um enigma soluvel,
Ella era o laço, eterno e indissoluvel
Que liga o ceu á terra tão sombria!

E por estas regiões onde eu julgava
Habitar a inconsciencia e a mesma treva
Que tanta vez, os olhos me cegava,

Vim encontrar, gemendo, as luzes puras
Da verdade brilhante que se eleva
Illuminando todas as alturas.

NO EXILIO

PEDRO DE ALCANTARA.

Pode o ceu do desterro ser tão bello,
quanto o ceu do paiz em que nascemos,
nada faz com que o nosso desprezemos
acalentando o sonho de reve-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anhelô
de regressar. E voando sobre extremos,
com o pensamento ancioso percorremos
nosso amado rincão, lindo ou singelo.

E' o desterro a terra da amargura,
de acerba pena ao pobre penitente,
de amaro pranto da alma torturada;

a alegria no exilio é desventura,
é a saudade na ancia mais pungente
de retornar á patria idolatrada.

ROMARIA

GUERRA JUNQUEIRO.

(PASSEIO MATINAL)

Fim da poesia inserta em *Poesias*
Dispersas.

.....

 Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,
 Calcular a extensão de tantas amarguras,
 Existencias em flor, fustigadas de pranto,
 Lyrios no lamaçal das grandes desventuras...

Almas na escuridão da noite sem aurora,
 Corpos de podridão, urnas de lama e pús,
 Anjos assucenaes que a miseria devora
 Pobrezitos sem pão, esqualidos e nús.

No emtanto ha aroma e luz na beira dos caminhos,
 Cantos de rouxinoes, arvores, fructo e flor,
 Harmonias subtis que se evolum dos ninhos,
 Dourados pelo sol d'alvorada do amor!

Mocidade no Abril resplandecente e loiro
 De noivado e canção das almas virginaes;
 Entoando a sorrir mil dithirambos de oiro
 Como as aves gracís em vôos nos trigaes.

A alegria tiful das manhãs harmoniosas
 Em que Maio desfolha os cravos e os jasmíns,
 Espargindo dos ceus as glycinias formosas,
 Na esmeraldina cor do collo dos jardins!

E Deus que fez a flor e a candura das creanças,
 Fez tambem o soluço e a lagrima dorida,
 E se fez a bondade envolta d'esperanças,
 Creou a dôr elareando a escuridão da vida.

Ha risos e esplendor e ha prantos, filhas minhas,
 Porque o pranto é que lava as manchas e os negrumes
 De almas torvas e vis, miserrimas, mesquinhas,
 Transformando-as em luz e em vasos de perfumes!...

A lagrima da dor é estrella que transluz,
 Um coração que soffre é chamma que se eleva
 Da turbida hediondez dos pantanaes da treva,
 A's regiões da gloria intermina da luz.

Sobre o escuro, porém, das lepras mal cheirosas,
 Paira o clarão do amor, edenico e sem par,
 Que liga o verme ao mar, que une a pomba ás rosas,
 Que o grão de areia une ao roble secular.

O amor que fraternisa, o amor que dá saude,
 Que irmana a fera e a flor, as aves e os chacaes,
 Que faz da Caridade a flamma da Virtude,
 Que sublime conduz aos planos celestiaes.

Filhas que Deus me deu, vinde alegres, commigo,
 Vinde commigo ver a dor dos desgraçados,
 Que chorando se vão, sem patria e sem abrigo,
 Cheios de sanie e pús, com os corpos cancerados.

Aproveitemos pois, est'hora calma e mansa,
 Em que ha musicas no ar e olores nas estradas,
 Hora em que a Terra accorda num hausto de esperanza
 Ebria de aroma e luz das flores orvalhadas,

Saudam o alvorecer as vozes das ovelhas,
 Perpassam colibris, chilreia a passarada,
 Zumbem soffregamente as trefegas abelhas
 Compondo o hymno de sol de esplendida alvorada!

Partamos nós tambem por este mundo afóra
 Nutrindo o coração na fonte da esperanza,
 Dando consolo á dôr, á treva a luz da aurora,
 A paz á guerra e á luta os lirios da bonança.

Conduzamos connosco a luz da Caridade,
 Offerecendo o Bem aos pobres pequeninos,
 Offertando com amor á toda a humanidade
 Esse pão divinal que é dos trigaes divinos.

Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,
 Tenhamos a noss'alma em delubros de luz,
 E acharemos no fim da romaria immensa,
 As venturas e a paz nos braços de Jesus!

O CEO

JOÃO DE DEUS.

Patria ditosa e linda, e onde o mal,
 Desapparece ao meigo olhar do Amor,
 Que entre os seres do Além, é sempre igual,
 O mesmo anseio santo e superior.

Lá não se vê trahição e cada qual
 Urde ali, sua aureola d'esplendor,
 Doce Mansão de Paz, immaterial
 Onde impera a bondade do Senhor!

Porto de Salvação para quem erê,
 Nessa Praia do Azul, que se antevê,
 Pelo poder da Fé, na provação;

Paiz dos Ceus, aonde o peccador,
 Depois de bem soffrer ahí a dor
 Vae ali encontrar Consolação.

POESIA

JULIO DINIZ.

Poesia da natureza
 Embalsamada de olores,
 Ornamentada de flores
 Que os meus encantos resume;
 Poema de singeleza
 Esplendente e delicada
 Como raios de alvorada
 Cheia de luz e perfume.

Suavidade e doçura
 Das rosas, das margaridas,
 Das lindas sebes floridas
 Nos dias primaveris;
 Radiosidade e frescura,
 Frangencias, amenidade,
 Aromas, alacridade
 Das paisagens pastoris.

As cotovias cantandó,
 As ovelhinhas balindo
 As creancinhas sorrindo
 Na alegria das manhãs;

A mocidade se amando
 Entre arroubos de ternura,
 Cariciosa ventura
 No Abril das almas irmãs.

Bellezas de canto agreste
 Nas urzes da Terra escura,
 Tão cheia de desventura,
 Entretanto, imaginae
 A natureza celeste
 Matisada de alegrias,
 Nas eternas harmonias
 Do divino amor do Pae.

O' Terra, quanto eu quizera
 Unir-te toda á poesia,
 A' mesma santa harmonia
 Que te prende á luz dos ceus;
 Nessa mesma primavera
 Dos rutilantes espaços,
 Em que me sinto nos braços
 Do sagrado amor de Deus.

VERSÃO DO PSALMO 12

SOUZA CALDAS.

Senhor dos Mundos, na Terra inteira,
Os maus somente é que dominam;
Rudes tyrannos e os impiedosos
De coração.

Ganham favores, buscam louvores,
Espesinhando seus semelhantes,
Tripudiando nas vossas leis,
Impios que são.

Causam a ruína da vossa casa,
Lançam injurias ao vosso nome,
Adoradores da iniquidade,
Da imperfeição.

Vossas ovelhas são confundidas,
E suffocadas pelo amargor,
Fracas e pobres andam saudosas,
Do vosso amor.

São ellas todas, pobres e humildes,
Glorificae-as, meu Creador!

Alevantae-as do abysmo escuro
Com a vossa luz!

Vossa bondade immensa e eterna
E' a esperanza dos peccadores;
Pae amoroso, salvae os homens,
Confio em vós!

QUADRAS

CASIMIRO CUNHA.

Ser cego e nada ver
Na triste noite escura
E ver depois a luz
Da aurora da ventura;

Chorar na escuridão
Em dores, mergulhado,
E após o soffrimento
O goso illimitado;

Sorver dentro da treva
O fel das amarguras,
Depois buscar o amor
Nas lucidas alturas;

E' possuir thesouros
De paz, de vida e luz,
No sacrosanto abrigo
Do affecto de Jesus.

A TERRA

CASIMIRO DE ABREU.

(Aos pessimistas)

Se ha noite escura na Terra,
Onde rugem tempestades,
Se ha tristezas, se ha saudades,
Amargura e dissabor;
Existem dias dourados,
De sol e de melodias,
Esperanças e alegrias
Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,
Um paraíso de amores,
Jardim de risos e flores,
Rolando no ceu azul.
Um hymno de força e vida
Palpita em suas entranhas,
Retumba pelas montanhas,
Echôa de norte a sul.

Os sonhos da mocidade,
As galas da natureza,
Livro de excelsa belleza,
Com paginas de resplendor;

Onde as historias são cantos
De garrulos passarinhos,
Onde as gravuras são ninhos
Estampados no verdor;

Onde ha reis que são poetas,
E trovadores alados,
Heroes ternos, namorados,
Gargantas de ouro a cantar,
Sandando a aurora que surge
Como nympha luminosa,
A olhar-se toda orgulhosa,
No grande espelho do mar!

Onde as princezas são flores,
Que se beijam luzidias,
Perfumando as pradarias,
Com seu halito de amor;
Desabrochando ás centenas,
Na estrada que o homem passa,
Offerecendo-lhe graça,
Sorrindo, cheias de olor.

O dia todo é alvorada
De doces encantamentos,
A noite, deslumbramentos
Da lua, em seus brancos veus!
A tarde oscula as estrellas,
Os astros o sol nascente,
O sol o prado ridente,
O prado perfuma os ceus!...

Quem vive num eden desses
E' sempre risonho e forte,
Jámais almeja que a morte
Na vida o venha tragar;

Sabe encontrar a ventura,
Nesse jardim de pujanças
E enche-se de esperanças
Para soffrer e lutar.

Se ha noite escura na Terra,
Abarrotada de dores,
De lagrimas e amargores,
De triste e rude carpir;
Existem dias dourados
De juventude e esplendores,
De aromas, risos e flores,
De áureos sonhos no porvir!...

ETERNA VICTIMA

GUERRA JUNQUEIRO.

Na silenciosa paz do cimo do Calvario
Ainda se vê na cruz o Christo solitario.

Vinte seculos de dor, de pranto e de agonia,
Reprezam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da collina,
Soffre infindo martyrio a victima divina;

Açoitado, trahido e calmo, silencioso,
Da Terra ao Ceu espraia o seu olhar piedoso.

Dois mil annos de dor e os seus crueis algozes,
Passaram sem cessar como chacaes ferozes.

Caravanas de reis nos thronos passageiros
Exaltados na voz das trompas dos guerreiros;

Os lendarios heroes no dorso dos coreeis,
Inscrevendo com fogo as maximas das leis.

Cavalheiros gentis, valentes blasonados,
Nobres de sangue azul nos seus mantos dourados;

Viram-no semi-nú, na cruz, ensanguentado
E puzeram-se a rir do louco suppliciado.

O Christo continuou humilde e silencioso
Espraiaando na Terra o seu olhar piedoso.

Sabios do tempo antigo abrindo os livros santos
Olharam-no tambem, partindo como tantos.

Artistas e histriões, poetas e trovadores,
Castellãs juvenis,* turbas de gosadores;

Inda vieram depois aquelles que em seu nome,
Espalharam a treva, o pranto, a guerra e a fome;

Desolação e horror, mataram-se os irmãos,
Lobos, tigres, chacaes na capa dos christãos;

Contemplaram Jesus no cume da collina,
Multiplicando a guerra, as lutas e a chacina.

O Mestre prôseguiu sublime e silencioso
Espraiaando na Terra o seu olhar piedoso.

E na época actual a caravana extranha
Estaca no sopé da arida montanha;

Mas os soberbos reis e os cezares antigos,
Hoje mais nada são que miseros mendigos;

Os nobres de outro tempo agora transformados,
Nos parias do amargor, nos grandes desgraçados;

Agora, vêem sim, no topo do Calvario,
O sacrificio e a dor do eterno visionario;

Bradando com furor: — “Socecore-nos, Jesus!
Que possamos vencer a dor em nossa cruz.

Sorvendo o amaro fel nas dores da afflicção
Temos fome de paz e sêde de perdão!”

E o Mestre da bondade, o anjo da virtude,
Estende o seu perdão cheio de mansuetude.

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

SONETO

ANTHERO DO QUENTAL.

Quizera crer, na Terra, que existisse
Esta vida que agora estou vivendo
E nunca encontraria um abysmo horrendo,
De amargoso penar que se me abrisse.

Andei cego, porém, e sem que visse
Meu proprio bem na dor que ia soffrendo,
Desvairado ao sepulcro fui descendo
Sem que a Paz almejada conseguisse.

Da mortê a Paz busquei, como se fôra,
Apossar-me do eterno esquecimento
Ao viver da minh'alma soffredora;

E em vez de imperturbaveis quietitudes,
Encontrei os Remorsos e o Tormento
Reerudescendo as minhas dores rudes.

MORRER

JOÃO DE DEUS.

Não mais a dor intensa e desmedida
No momento angustioso de morrer,
Nem o pranto pungente por se ver
Um ser amado em horas da partida!...

A morte é um somno doce; basta crer
Na Paz do Ceu, na Terra, appetecida,
Para se achar o Amor, a Luz e a Vida,
Onde ha tregua á tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço Além,
Onde brilha a Verdade e ondê o Bem
E' o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pulehritude
Onde os bons que adoraram a Virtude,
Gosam do affecto extremo de Jesus.

AVES E ANJOS

JULIO DINIZ.

Passarinhos... passarinhos...
Aconchegados nos ninhos,
Lares de amor doce e brando
Pequeninos trovadores,
Entre as arvores e as flores
Cantando...
Cantando...

Creanças, anjos suaves,
Mimosos quaes bandos de aves,
Cortando um céu claro e lindo.
Assueenas perfumadas,
Com as petalas orvalhadas,
Sorrindo...
Sorrindo...

O hymno terno de esperanças
Das aves e das creanças,
Vae com a luz se misturando,
Tecendo as horas serenas,
Das alegrias terrenas,
Sorrindo...
Cantando...

ROGATIVA

PEDRO DE ALCANTARA.

Magnanimo Senhor, que os orbes cria,
povoando o universo illimitado,
que dá pão ao faminto, ao desgraçado
e ao soffredor os raios da alegria.

Se, de novo, no mundo, desterrado,
necessitar viver inda algum dia,
que eu regresse ditoso ao solo amado
da generosa patria que eu queria;

se é mister retornar a um novo exilio,
seja o Brasil, lá onde eu desejava
ter vertido o meu pranto derradeiro.

Que eu novamente viva sob o brilho,
da mesma luz gloriosa que eu amara
na aleandorada terra do Cruzeiro.

VOZES DE UMA SOMBRA

AUGUSTO DOS ANJOS.

D'onde venho? das eras remotissimas,
Das substancias elementarissimas
Emergindo das cosmicas materias.
Venho dos invisiveis protozoarios,
Da confusão dos seres embryonarios,
Das cellulas minusculas das bacterias.

Venho da fonte eterna das origens,
No turbilhão de todas as vertigens,
Em transsubstanciações, fundas e enormes,
Do silencio da monada invisivel
De tetro e fundo abysmo, negro e horrivel,
Vitalisando corpos multiformes.

Sei que evolui e sei que sou oriundo
Do trabalho tellurico do mundo,
Da Terra no vultoso e immenso abdomen;
Soffri desde as intensas torpitudes
Das larvas microscopicas e rudes
A' infinita desgraça de ser homem.

Na Terra apenas fui terrivel presa,
Na symbiose da dor e da tristeza
Durante penosissimos minutos;

A dor, essa tyrannica incendiaria
 Abatia-me a vida solitaria
 Como se eu fosse o bruto entre os mais brutos.

Depois voltei desse laboratório,
 Onde me revolvi como infusorio,
 Como animaleulo inferior e obscuro,
 Té attingir a evolução dos seres
 Conscientes de todos os deveres,
 Descortinando as luzes do futuro.

E vejo os meus incognitos problemas
 Iguaes a horrendos e fataes dilemmas,
 Enigmas insolueis e profundos;
 Sombra egressa de lousa dura e fria,
 Grito ao mundo o meu grito que se allia
 A todos os anceios gemebundos: —

“Homem, por mais que gastes teus phosphatos
 Não saberás, analysando os factos,
 Inda que desintegres energias,
 Porque existem o completo e o incompleto,
 Como é que em homem se transforma o feto
 Entre os duzentos e setenta dias.

A flor da laranjeira, a asa do insecto,
 Um estafermo e um Thales de Mileto,
 Como existiram não perceberás;
 E nem comprehenderás como se opera
 A mutação do inverno em primavera,
 E a transubstanciação da guerra em paz.

Como vivem o novo e o obsoleto,
 O angulo obtuso e o angulo recto
 Denfro das linhas da geometria;

O cerebro de Miguel Angelo nas artes,
 E o espirito profundo de Descartes
 No eterno estudo da philosophia.

Porque existem as creanças e os macrobios
 Nas collectividades dos microbios,
 Que fazem a vida enferma e a vida sã;
 Os antigos remedios allopathas
 E as modernas dosagens homoeopathas
 Produto da experiencia de Hahnemann.

A psychica-analyse freudianã
 Tentando aprofundar a alma humana,
 Com a mais requintadissima vaidade,
 E as theorias do espiritualismo
 Enchendo os homens todos de optimismo
 Mostrando as luzes da immortalidade.

Como vive o canario junto ao corvo,
 Um ceu illuminado e um inferno torvo
 Nos abseconsos refolhos da consciencia;
 O laeonismo e a prolixidade,
 A actividade e a inactividade,
 A noite da ignorancia e o sol da sciencia.

As epidermes e as aponevroses,
 As grandes atonias e as nevroses,
 As attracções e as grandes repulsões,
 Que reunindo os atomos no solo
 Tecem a evolução de polo a polo
 Em prodigiosas manifestações;

Como os degenerados blastodermas
 Cream a descendencia dos palermas
 No lupanar das pobres meretrizes,

Junto dos palacetes hygienicos,
Onde entre gosos fulgidos e edenicos
Cresce a alegre progenie dos felizes.

Os lombricoides minimos, os vermes,
Em contraposição com os pachidermes
Assombrosas antitheses no mundo;
E' o gigante e o germen originario,
São os milhares de ovulos de um ovario,
Onde ha somente um ovulo fecundo.

A alma pura de Christo e a de Tiberio,
Vaso de carne podre, o cemiterio,
E o jardim rescendendo de perfumes;
O doloroso e tetro cataclismo
Da belleza louçã do organismo
Repleto de dejectos e de estrumes.

As coisas substanciaes e as coisas oças,
As ideias connexas e as loucas,
A theoria christã e Augusto Comte;
E' o desconhecido e o devassado,
E' o que é limitado e o illimitado
Na optica illusoria do horizonte.

Os terrenos povoados e o deserto,
Aquillo que está longe e o que está perto;
O que é desmarcado, e o que tem marca;
A funda sympathia, e a antipathia,
As atrophias e a hipertrophia,
Como as tuberculosas e a anasarca.

Os phenomenos todos geologicos,
Psychicos, scientificos, sociologicos,
Que inspiram pavor e inspiram medo;

Homem! por mais que a ideia tua gastes
Na solução de todos os contrastes
Não saberás o cosmico segredo.

E apesar da theoria a mais abstrusa
Dessa sciencia inicial, confusa,
Dos materialisticos atheus,
Caminharás lutando além da cova,
Para a Vida que, eterna, se renova,
Buscando as perfeição do Amor em Deus."

MAGOA

AUTA DE SOUZA.

Muitas vezes sonhei na Terra ingrata
O paraíso doce da ventura,
Vendo somente o espinho da amargura
Que as nossas tristes lágrimas desata;

Somente a dor intermina que mata
A alegria mais lucida e mais pura,
O veneno da acerba desventura
Que fere em nós a aspiração mais grata.

Se apenas vi, porém, a magoa intensa
Que rouba a luz, o amor, a paz e a crença
E' que a dor da minh'alma em tudo eu via.

E augmentava minha íntima tristeza
Vendo em tudo, na própria natureza,
A mesma dor que eu tanto padecia.

HEROES

CRUZ E SOUZA.

Esses seres que passam pelas dores
A's gehennas do pranto acorrentados,
Alluviões de peitos soffredores
No turbilhão dos grandes desgraçados.

Corações a sangrar, ermos de amores,
Revestidos de aculeos acerados,
Nutrindo a luz dos sonhos superiores
Nos ideaes maiores esfamados;

Esses pobres que o mundo considera
Os humanos farrapos dos vencidos,
Prisioneiros da angustia e da chimera

São os heroes das lutas torturantes,
Que são, sendo na Terra, os esquecidos,
Coroados nas Luzes Deslumbrantes!

VOZ HUMANA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Uma voz. Duas vozes. Outras vozes.
Milhões de vozes. Cosmopolitismos.
Gritos de feras em paroxysmos.
Uivando subjugadas e ferozes.

E' a voz humana em interminas nevroses,
Seja nas concepções dos atheismos,
Ou mesmo vinculada a gnosticismos
Nos singultos pre-agonicos atrozes.

E' nessa eterna supplica angustiada,
Que eu vejo a dor em gosos, insaciada,
Nutrir-se de famelicos prazeres.

A dor, que gargalhando em nossas dores,
E' a obreira que tece os esplendores,
Da evolução omnimoda dos seres.

SONETO

PEDRO DE ALCANTARA.

No exilio, é que a alma vive da lembrança,
numa doce saudade enternecida,
tendo chorosa a vista que se cança
de procurar a patria estremecida;

com dolorosas lagrimas avança
do sonho que teceu e amou na vida,
para a morte, onde tem sua esperança,
na celeste ventura prometida.

E Deus, que os orbes cria, generoso,
na vastidão dos ceus illuminados,
concede a paz ao triste e ao desditoso

na clara luz dos mundos elevados,
onde, do amor, reserva o eterno goso
para as almas dos pobres desterrados.

O REMORSO

ANTHERO DO QUENTAL.

Quando fugi da dor, fugindo ao mundo
Divisei aos meus pés, de mim deante,
A medonha figura de gigante,
Do Remorso de olhar grave e profundo.

Era de ouvir seu grito gemebundo!
Sua voz cavernosa e soluçante!...
Aproximei-me d'elle, supplicante,
Dizendo-lhe com accento moribundo: —

“Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,
Se enlouqueci no meu degredo extranho,
Accordando-me, em lagrimas, gemendo?”

Retrucando em resposta dos meus ais: —
“Companheiro da dor eu te acompanho,
Nunca mais te abandono! Nunca mais!”

ASCENSÃO

CASIMIRO CUNHA.

Perguntae á flor virente,
A's florinhas multicores,
Que com magicos olores
Perfumam vosso ambiente

O que fazem cá no mundo,
Tão vigosas, perfumadas,
Pelas sendas desoladas
Deste abysmo tão profundo;

Como sorrisos dos cetis
Essas flores perfumosas
Responderiam formosas:
— “Nós marchamos para Deus!”

A' ave que poetisa
Com seus canticos maviosos,
Vossos campos dadivosos
Em belleza que harmonisa

Se perguntasseis tambem
Ella vos retrucaria:
— “Caminhamos na alegria
Para a Luz e para o Bem.”

Tudo pois, em ascensão
 Marcha ao progresso incessante,
 A' alvorada rutilante
 Da sublime perfeição.

Segui pois, irmãos terrenos,
 Nessas sendas luminosas,
 Caminhae sempre serenos,
 Entre lyrios, entre rosas;

Entre os lyrios da Bondade
 Entre as rosas da Ternura,
 Espargindo a caridade,
 Consolando a desventura.

Só assim caminharemos
 Nessa eterna evolução,
 E no Bem conquistaremos
 A suprema perfeição.

O MAU DISCIPULO

JOÃO DE DEUS.

Era uma alma
 Formosa e bella,
 Fulgida estrella
 De puro alvor,
 Que habitava
 Qual uma flor
 O espaço infindo,
 Immenso e lindo,
 Nessas regiões,
 Onde ha mansões
 Purificadas,
 Illuminadas
 Do Creador.

Porém, um dia,
 Disse Jesus
 A quem vivia
 Em meio á luz: —

“Filho querido,
 Estremecido
 Dos meus affectos,
 Tu necessitas,
 Buscar a Vida

Em meio ás vagas
 Das provações!
 Dentro das lutas,
 Tredas disputas
 Do Bem e do Mal,
 E' que verei
 Se o que ensinei
 Ao teu valor,
 Aproveitaste
 E assimilaste
 Em beneficio
 Da lei do amor,
 Do sacrificio!...
 Tens a fraqueza,
 Da imperfeição;
 Aqui, porém,
 Já te mostrei
 A lei do amor,
 Luz do Senhor,
 O summo bem.

Tu lutarás,
 Mas vencerás
 Se bem souberes
 Te conduzir,

Nesses caminhos
 Entre prazeres,
 Risos e flores,
 Por entre espinhos,
 Magoas e dores.
 E se aprenderes
 Saber viver,
 Sorrir, soffrer,
 Conquistarás
 A grande paz,
 A grande luz
 Que eu, teu Jesus,
 Reservarei
 E hei de guardar
 Para a tua alma
 Ao regressar.

A dor somente,
 A luta amara
 Nos equipara
 Para viver
 Tranquillamente,
 Nessas moradas
 Illuminadas
 Do nosso Pae!
 Luta e trabalha
 Singelamente,
 Nessa batalha
 Que te offereço
 P'ra conquistares
 A luz, o amor
 Do teu Senhor.
 Tu viverás
 Entre os braços
 Das illusões
 Da Terra impura;

Conhecerás
 Lindas riquezas,
 Illuminando
 E lhe ensinando
 O bom caminho,
 A boa estrada
 E com carinho
 Sempre mostrar-lhe
 A caridade
 Com toda a luz
 Que ministrei
 Ao teu pensar
 E ora conduz
 Teus sentimentos,
 Teus pensamentos
 A' perfeição
 Do coração.

Caminha avante
 Na deslumbrante,
 Rota do amor!
 Espalha o olor
 Que já plantei
 E fiz brotar,
 Que cultivei
 Dentro em teu ser.
 Sê sempre amigo
 Dos soffredores,
 Dos que padecem
 Sem conhecer
 Sequer abrigo
 Onde isolar-se,
 Onde guardar-se
 Das fortes dores
 Que acometem
 Os soffredores.

Sê a Bondade
 Entre a maldade
 Dos homens feros,
 Ambiciosos,
 Frios, austeros,
 Peccaminosos.

Se assim fizeres
 E procederes,
 Sempre cumprindo
 Os teus deveres,
 Tornar-te-ás
 Em verdadeiro,
 Anjo da paz,
 Em mensageiro
 Do Deus de amor.
 Assim darás
 A' humanidade
 O testemunho
 Da caridade
 Do teu Senhor!

A alma formosa
 Então desceu
 Para lutar,
 A conquistar
 Maior ventura,
 Rutila e pura
 Aqui no Ceu.

Então nasceu
 Num lar ditoso,
 Regio, faustoso,
 Dos venturosos
 Onde a alegria
 Reimava e ria
 Constantemente,

Proporcionando
 A' rica gente
 Que o habitava,
 Os bellos gosos,
 Lindos, formosos
 Mas irreaes,
 Desses palacios
 Materiaes.
 Ainda creança
 Era adorado,
 Felicitado
 Nessa abastança;
 Naquelle lar
 Rico aleçar
 Dos abastados,
 Elle então era
 A primavera
 Dos aureos sonhos
 Dos paes amados!

Assim creceu,
 Bello, esplendeu
 Na mocidade.
 Ganhou saber
 Nobilitante,
 A' luz brilhante
 Dessa sciencia
 Que na existencia
 Por planetaria,
 Faz com que a alma
 Torne-se egoista
 E refractaria
 A' lei de Deus.

Tornou-se esquivo,
 Cruel e altivo

A' humanidade;
 Não praticando
 E renegando
 A caridade.
 O que aprendera
 No Infinito
 E promettera
 Ao bom Jesus,
 Tudo esquecera
 Em detrimento
 Do sentimento
 Que então trouxera
 Cheio de luz.
 Refugiou-se
 Na vã sciencia,
 Despreocupou-se
 Com a consciencia.
 Na Academia
 Dos homens sabios,
 Elle esplendeu
 No vão saber;
 O infeliz ser
 Viveu dos labios,
 Seu coração
 Jamais viveu!
 Foi uma flor
 Mas sem odor,
 Fulgiu, brilhou
 Mas renegou
 A lei do amor.
 E da existencia
 Da propria alma
 Elle escreveu
 A relegar,
 Como um atheu
 Filho do Mal,

A immensa luz
 Espiritual.
 Foi refractario
 Ao proprio affecto
 Dos paes que o amavam
 E idolatravam
 Com mór ternura,
 Delle esperando
 Sua ventura.
 Os proprios filhos,
 Suas brilhas
 Da nossa vida,
 Nossa esperança
 Encantadora,
 Os desprezou
 Somente amando,
 Sua sciencia
 Enganadora.
 Só procurou
 Brilhar, fulgir;
 Nunca buscou
 Assim cumprir
 Sua missão.
 Sempre espalhou
 Em profusão,
 Suas ideias
 Tristonhas, feias
 Do atheismo
 Desventurado.
 Nunca estancou
 Uma só lagrima,
 Nunca pensou
 Uma ferida,
 Que brota n'alma

Desilludida,
 Não consolou
 O que soffria
 De quem fugia
 Sem compaixão.
 Emfim, viveu
 Só na sciencia,
 Nessa existencia
 Que passa breve!...
 O ingrato teve
 Mil occasiões
 De praticar
 Boas acções
 E espalhar
 O amor e a luz.
 Que o bom Jesus
 Lhe concedera;
 Mas, infeliz,
 Jamais o quiz.

Porém, um dia,
 A Parca fria,
 A morte amara,
 Cruel, avara
 E dolorosa,
 O arrebatara
 Nessa escabrosa
 Escura via,
 E o conduziu
 Para o Infinito
 Onde num grito,
 Elle accordou
 Do seu lethargo,
 O somno amargo
 Em que viveu.
 Ao descerrar

O negro veu
 Do esquecimento,
 Sentiu seus olhos
 Ennevoados,
 Tristes abrolhos
 No pensamento.
 Olhou o abysmo
 Do pessimismo
 Em que vivera
 Por onde sempre
 Se comprazera

Sentiu-se então
 Abandonado,
 Amargurado
 Na afflicção!
 Somente assim
 Dentro da dor
 Lembrou de Deus
 Do seu amor,
 A implorar
 Da luz dos ceus,
 Consolação!

Das profundezas
 Do coração,
 Intima voz
 Disse-lhe então: —

“O' mau discipulo,
 Em quem eu puz
 Todo o esplendor
 Da minha luz,
 Do meu amor!
 Tu te perdeste
 Por teu querer,

Pelo viver
 Que demandaste.
 Jamais soubeste
 Te conduzir
 E assim cumprir
 O teu dever.
 Por isso agora,
 Minh'alma chora
 Ao ver que és
 Misero ser.
 Tu renegaste
 E desprezaste
 A inspiração
 Do Deus de Amor!
 Tua missão
 Que era amar
 E assim vibrar
 A alheia dor,
 Em luz perdida,
 Foi convertida
 Em fero brago
 Esmagador.
 O grande amor —
 Fraternidade,
 Que então devias
 Entre alegrias
 Offerecer
 A' humanidade,
 O abafaste
 Como se fosse
 Assaz mesquinho
 Quando só elle
 E' o caminho
 Que nos conduz
 A' salvação,
 A' perfeição,

A' região
 Da pura luz!
 Sempre esqueceste
 Os teus deveres.
 Dos proprios seres
 Que te adoravam,
 Que mais et amovam,
 Foste inimigo;
 E até negaste
 A existencia
 Da propria alma —
 A consciencia.
 Constantemente,
 Continuamente
 Foste um ingrato
 E eu te julgara
 Um lutador
 Intemerato!..."

Calou-se a voz
 E o pranto atroz
 Jorrou então,
 Do coração
 Do miseravel
 Ser exerravel,
 Que não soubera
 E nem quizera
 Comprehender
 O seu dever.
 Entre lamentos
 E dissabores,
 Padecimentos,
 Frios horrores,
 Elle chorou
 E lamentou

Por muitos annos,
 Seus desenganos,
 Na senda triste,
 Fatal, amara
 Que elle trilhara
 Na perdição.
 Envergonhado,
 Espesinhado
 Na sua queda,
 Correu sosinho
 O mundo inteiro,
 Qual caminheiro
 A quem negassem
 Um só carinho.
 Perambulou
 Qual Ashaverus,
 Soffreu, clamou,
 Suppliciado;
 E muitas vezes
 O seu olhar
 Amargurado,
 Triste pousou
 Sobre o logar
 Onde peccou.
 A pobre mão
 Sempre estendeu
 Pedindo o pão,
 Pedindo luz,
 A lamentar
 A sua cruz!
 Jamais alguem
 Quiz eseu-ta-lo;
 O mesmo bem
 Que elle fizera
 Assim lhe era
 Retribuido.

E o pobre espirito
 Desilludido,
 Desanimado,
 Desamparado
 Só encontrava
 Consolação
 Nas lagrimas tristes
 Que derramava
 Em profusão.

Assim, um dia,
 Em que soffria,
 Mais padecia
 A dor feroz
 Cruel e atroz
 A alma triste
 E solitaria,
 Exp'riimentada,
 Extenuada
 No atro soffrer,
 Cheia de unção
 Por entre prantos,
 Formosos, santos,
 Disse ao Senhor
 Numa oração: —

"O' Mestre Amado,
 Sei que hei peccado
 E transgredido
 As tuas leis,
 Tendo commigo
 A tua luz,
 O' bom Jesus,
 E mesmo assim
 Eu me perdi
 Por meu querer

Pois não cumpri
 O meu dever!...
 Fui a grilheta
 Da impiedade,
 Pobre calceta
 Da iniquidade.
 Mas tu que és bom
 Tão justo e santo,
 Sabes do pranto
 Das minhas dores
 No men viver
 Sem luz, sem flores,
 E has de acolher
 Minha oração,
 Cheia de fé!...
 Dá-me o aculeo
 Da expiação,
 Para que seja
 Exterminado
 O meu orgulho.
 O' dá-me agora
 A nova aurora
 De uma existencia
 De provação.
 Quero soffrer
 Dura pobreza,
 Sempre viver
 Na singeleza.
 O meu desejo
 E' só voltar
 A' Terra impura,
 Onde eu pequei,
 Para offertar
 A' creatura
 O grande amor
 Que lhe neguei.

Não quero ter
 Nem um só dia
 Dessa alegria
 Que desfrutei
 Mas só trazer
 No coração,
 Todo o amargor
 Da privação.
 Não quero ver
 O dealbar
 De uma esperança
 O proprio lar
 Onde se encontra
 Maior ventura
 Não quero ter,
 Nunca possuir,
 Para jamais
 Eu conhecer
 O que é sorrir!
 Quero existir
 Desconhecido
 Incomprehendido,
 Em minha dor;
 Então serei
 Ramo perdido,
 Arido e secco
 Pelo vergel
 Enflorecido.
 Conhecerei
 A dor cruel
 Que nos retalha
 O coração.
 Nessa batalha
 Que emprehenderei,
 Quero ganhar
 E conquistar

A luz, o pão,
 O agazalho,
 Com meu trabalho.
 Eu só almejo
 Comprehensão
 Para mostrar
 O teu perdão,
 Claro e sublime
 Para o meu crime
 O' bom Jesus,
 O' Mestre Amado! —

Eu lutarei
 E chorarei
 Nas rijas dores
 Mais inclementes,
 Nos turbilhões
 Incandescentes
 Das amarguras,
 Cruéis e duras
 Das afflicções.
 Agora vejo
 Que na existencia,
 A gran-ciencia
 Só é grandiosa,
 Só é formosa
 Quando alliada
 Da caridade,
 O puro amor.
 Quero com ardor
 Bem conquistar
 A perfeição!
 Serei portanto,
 Neste planeta
 Como a violeta
 Sob a folhagem...

Viver somente
 Pela voragem
 Das desventuras.
 Quero soffrer
 Com humildade
 E sempre ter
 Em mim, bondade,
 Feliz dulçor.
 Da caridade!..."

E o Mestre Amado
 Compadecido
 Do pobre espirito
 Dilacerado,
 Emfim, perdido,
 Deu-lhe o perdão,
 A permissão
 Para voltar
 A' antiga arena —
 Luta terrena,
 Offerecendo-lhe
 Occasião
 Para tornar-se
 Mais venturoso
 E sempre digno
 Do seu perdão.

Seja bemdito
 Pelo infinito,
 Desenrolar
 E perpassar
 De toda idade
 O bom Jesus
 Que com sua luz,
 E terno amor
 Escenta a prece

De quem padece,
Fazendo assim
Desabrochar
O dealbar
Das alvoradas
Illuminadas,
De muitas vidas,

Bellas, queridas
Para lutarmos
E nos tornarmos
Dignos do Amor
Inegualavel,
Incomparavel,
Do Creador!

VERSÃO DO PSALMO 18

SOUZA CALDAS.

Por toda a parte
Veja a creatura,
Na noite escura,
Da sua dor,
A eterna força
De um Deus clemente,
Omnipotente,
Cheio de amor.
Astros e mundos
No ceu girando,
Aves cantando,
O mar e a flor,
Todos os seres
Hymnos entoem,
Cantos resoem
Ao Creador!
Eterno Artifice
Que os sóes modela,
Lustres da aureola
Da Creação;
Sois a bondade,
A mais perfeita,
A Luz Eleita,
A salvação.

Doce refugio
Dos desgraçados,
Aos meus peccados
Muitos que são;
Imploro e clamo
Com o meu esp'rito
Turbado e afflicto
Vosso perdão.
Que desprezei
O ouro brilhante,
Lindo e faiscante,
Bem sei, Senhor!
Como fugi
Da hora fugace
Que me afastasse
Do vosso amor!
Mas bem sabeis
Que a carne impura,
Leva a creatura
A mais peccar;
Fazendo assim
P'ra meu tormento,
Meu pensamento,
Prevaricar.

Porém, o vosso
 Amor profundo
 Redime o mundo
 Do padecer;
 Dando-lhe o tempo
 E aspera lida
 Para na vida
 Tudo vencer.
 Vós que acendestes
 Pharões brilhantes,
 Sóes rutilantes
 D'almo esplendor
 Cantando a vida,
 A omnipotencia
 E a pura essencia
 Do vosso amor!
 Que sois o sol
 Dos universos
 Mundos dispersos
 Na immensidão,
 Além da força
 Vós sois tambem
 O summo bem,
 E a perfeição.
 Que vence o mal,
 O orgulho e a dor,
 Que o peccador,
 No coração
 Guarda com zelo,
 Cruéis inimigos
 Que são amigos
 Da perdição.

Misericordia
 Assim espero,
 Almejo e quero
 Para que eu
 E os meus irmãos,
 O mal deixemos
 E abandonemos
 Buscando o céu.
 Por vossa causa
 O maior goso,
 Esplendoroso
 Desprezarei;
 Para que eu viva
 Na luz fulgente,
 Eternamente,
 Da vossa lei.
 Assim, Senhor,
 Minh'alma aguarda,
 A luz que tarda
 Ao mundo vão,
 Que ha de esplender
 Nos homens todos,
 Limpando os lodos
 Da imperfeição.
 Dominareis
 Toda a impiedade,
 Pela verdade
 Que em vós transluz!
 E, servo, aguardo
 Do vosso amor,
 Consolo á dor,
 Amparo e luz!

LEMBRANÇAS

CASIMIRO DE ABREU.

No sacrario das lembranças,
 Revejo-te, trigueirinha,
 De negras e longas tranças,
 Moreninha.
 Teus lindos pés descalçados,
 Pisando de manhãzinha
 A verde relva dos prados,
 Moreninha.
 Os primorosos cabellos
 Enfeitados de tardinha,
 De myosotis singelos,
 Moreninha.
 De olhar seductor e insonte,
 Quando o teu passo ia e vinha
 Em busca da agua da fonte,
 Moreninha.
 Teu vulto de camponeza,
 Era o porte de rainha,
 Rainha da natureza,
 Moreninha.
 Inda ouço os sons primeiros
 Da tua voz na modinha,
 Modulada nos terreiros
 Moreninha.

Lavando a roupa, ás braçadas,
Nos fios d'agua fresquinha,
Sob as mangueiras copadas,
Moreninha.

Os teus risos adorados,
Desferidos á noitinha,
Nos bandos de namorados,
Moreninha.

A tua oração ditosa,
Nas missas da capellinha,
Tão faceira! tão formosa!
Moreninha.

A placidez do teu rosto
Com teus modos de avezinha,
Fitando a luz do sol-posto,
Moreninha.

O teu samburá de flores
Que levavas á igrejinha,
Enchendo a nave de odores,
Moreninha.

O vestidinho de chita
De rosas, estampadinha,
Fazendo-te mais bonita,
Moreninha.

O nosso idyllio encantado
Quando te achavas sosinha,
Sob o luar prateado,
Moreninha.

Que terna recordação,
De minh'alma se avisinha!
De saudade, de paixão,
Moreninha.

Ai! Ai! meu Deus, quem me dera
Rever-te, doce rainha,
Rainha da primavera,
Moreninha.

PAGINA DE GRATIDÃO

PEDRO DE ALCANTARA.

Tangendo as cordas da harpa da saudade,
Venho ao Brasil buscar a essencia pura
Do amor da patria minha, da dogura
Da flor cheia do aroma da amizade.

Prende o meu coração a suavidade,
Desse arroubo de affecto e de ternura
Dalma do povo meu, que, de ventura
E de alegria o espirito me invade.

Do mysterioso aquem da morte eu vejo
Sentindo essa onda intensa e luminosa.
Da affeição que idealisa o meu desejo;

E tendo a gratidão por companheira,
Volvo ao patrio torrão de alma saudosa,
Amando mais a Terra Brasileira.

ALMA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Nos combates cyclopicos, titanicos,
Que eu, ás vezes, na Terra, emprehendia
Nos dominios da psychologia,
Buscava as almas, seres inorganicos;

Nas lagrimas, nos risos e nos panicos,
Nos disturbios subtis da hypocondria,
Nas defectividades da esthesia,
Nos instinctos soezes e tyrannicos.

Somente achava corpos na existencia
E o sangue em continuada effervescencia,
Com impulsos terrificos e tredos.

Enceguecido e louco, então que eu era,
Que não via dos astros á monera,
As luzes da alma em tragicos segredos.

AOS TORTURADOS

CRUZ E SOUZA.

Torturados da vida, um passo adeante,
Nos desertos dos aridos caminhos,
Abandonados, tremulos, sosinhos
Infelizes na dor, a cada instante!

Sobre a luz que vos guia, bruxoleante,
E alem dos trilhos de asperos espinhos,
Fulgem no Alem, os deslumbrantes ninhos,
Mundos de amor no claro azul distante...

Chorae! que a immensidade inteira chora,
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora,
Que idealisaes chorando nas algemas.

Vibrae no mesmo anceio em que palpita,
A alma universal sonhando afflicta,
As perfeições eternas e supremas!

HORA EXTREMA

AUTA DE SOUZA.

Quando exhalei meus ultimos alentos
Neste mundo de maguas e de dores,
Senti meu ser fugindo aos amargores
Dos meus dias tristonhos e nevoentos.

A tortura dos ultimos momentos
Era o fim dos meus sonhos promissores,
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
Que se extinguia em átros soffrimentos.

Senti, porém, minh'alma soffredora,
Mergulhada nas brisas de uma aurora
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
Em demanda da estrada esplendorosa
Que nos conduz ás plagas da harmonia!

NA ESTRADA DE DAMASCO

JOÃO DE DEUS.

Num certo dia
A Ambição
De parceria
Com o Orgulho
Chamou o homem
Jactancioso
E tão cioso
Do seu poder
E vão saber
E lhe disseram: —

“Homem, tu és,
Senhor potente
Grande e valente
Aqui no mundo.
E se quizeres
Tornar-te um rei
Da immensa grei
Da criação,
E' só viveres
A procurar
Mais dominar
Os elementos
A transudâr
Nos sentimentos.

Maior coragem,
Para ganhares,
Sempre vantagem
No teu viver
E conquistares
Sempre o poder
Dos triumphantes.
Aos semelhantes.
Em vez de ama-los
Taes como irmãos,
Faze-os vassallos
No teu reinado
Glorificado
De gran-senhor!”

E o peccador,
Ser imperfeito,
Se achasse embora,
A seu agrado
Bem satisfeito
Foi sem demora
Então chamado
Por um juiz
De rectidão,
Que é a consciencia

Nesta existencia,
De provação
Que então lhe diz: —

“Mas, e o bom Deus
Que está nos ceus,
Que tudo vê,
Sabendo assim
Quanto a tua alma
Delle, descrê?
Elle é o teu Pae,
O Creador,
O Deus de amor.
E o bom Jesus,
Nosso Senhor,
Mestre da luz,
O Filho amado
Que á Terra veio.
A este mundo
Ingrato e feio
A redimir
E assim banir
O teu peccado?
Elle te amou
E te ensinou
Que ao teu irmão
Tu debes dar
Nunca negar
A tua mão;
E espalhar
Somente amor,
A relegar
Toda a maldade,
Para que um dia
Te fosse dado,
Reconhecer

Com alegria,
O solo amado,
Do eldorado
Dos bellos sonhos
Lindos, risonhos,
Do teu viver.
Assim, procura,
Melhor ventura,
Em só buscar,
Acompanhar,
Seguir Jesus,
Em sua dor,
Em seu amor,
Em sua cruz!”

Mas o tal homem
Tão orgulhoso
Que já se achava
Bem poderoso,
Achou extranho
Esse conselho.
Rigor tamanho
Não poderia,
Isso seria
Obedecer
E se humilhar;
E elle havia
Aqui nascido,
Só para ser
Obedecido,
Tendo o poder
P'ra dominar.
Assim buscou
E perguntou
Aos companheiros;
Elles então

Lhe responderam
No mais profundo
Do coração: —

— “Esse conselho
E' muito velho!
Deus é irrisão,
E o tal Jesus
Com sua cruz
E seu calvario,
Somente foi
Um visionario.
Emquanto elle
Só te offerece
Amargas dores,
Desolações,
Tristes agruras,
Cruéis espinhos,
Nós concedemos
Ao teu valor
De gran-senhor,
Sublimes flores,
Lindos brazões,
Grandes venturas
Nesses caminhos.”

Quem mais souber
Gosar e rir,
Mais saberá
O que é existir.
A vida aqui,
Só é formosa,
Para quem gosa,
E pois assim
Vale o gosar
Constantemente.

Pois vindo a Parca
Bem de repente
Ha de levar
Esse teu sonho
De amar, soffrer,
Ao chaos medonho
Do mais não ser;
Porque a morte
Tão renegada
Ella é apenas
O frio nada.
O louco amor
Do teu Jesus,
Exprime a dor
E não a luz.”
E assim quando
O homem fraco
E miserando
Mais se julgou
E se jactou
Omnipotente,
Chegou a Dor
Humildemente,
A lapidaria,
A eterna obreira,
A mensageira
Da perfeição
Nessa officina,
Grande e divina
Da Creação;
Fe-lo abatido
E desolado,
Até enojado
Do corpo seu;
Apodreceu
O seu thesouro

E o homem-rei
 Reconheceu
 Que o paraíso
 Dos sãos prazeres,
 Vive nas luzes
 Só da virtude,
 No cumprimento
 Dos seus deveres;
 Na humildade,
 Na caridade,
 Na mansuetude,
 Na submissão
 Do coração
 Ao soffrimento,
 Quando aprouver
 Ao Deus de Amor
 Offerecer
 Rude amargor
 Ao nosso ser.

Depois então
 De mui soffrer
 E padecer
 Na expiação,
 Reconheceu
 A nullidade,
 A fatuidade
 Da vil materia.

Na atroz miseria
 Dessa agonía,
 Só procurou
 Busear se via,
 Os seus mentores
 Enganadores,

Altivos filhos
 Da veleidade.
 Só encontrou
 O juiz recto,
 O Magistrado
 Incorruptível
 Da consciencia
 E que num brado
 Indescriptível,
 Em consequencia
 Fez-lhe com ardor
 Ao coração
 Ermo de affecto,
 Ermo de amor,
 A mais tremenda
 Accusação!

E' o que acontece
 Em toda a idade,
 Com a maioria
 Da humanidade;
 Pois sempre esquece
 Os seus deveres
 E se submerge
 Nos vãos prazeres,
 Para a alegria
 Triste converge
 O seu viver
 Para o enganoso,
 Ephemero goso
 Do material
 A esquecer
 Tudo o que seja
 Espiritual
 Feliz de quem
 Ahi procura

Maior ventura
 No summo bem;
 Porque verá,
 Contemplará

Todo o esplendor,
 A eterna luz,
 Do eterno amor
 Do bom Jesus.

A SEPULTURA

CRUZ E SOUZA.

Como a branca orchidéa quando nasce
Sobre a lama ascorosa refulgindo,
A brancura das petalas abrindo,
Como se a neve alvissima a orvalhasse;

Qual essa flor fragrante como a face,
Dum cherubim angelico sorrindo,
Do monturo pestifero emergindo,
Luz, que sobre negrumes se avistasse;

Assim tambem do tumulo asqueroso,
Evola-se a essencia luminosa
Da alma que busca o ceu maravilhoso;

E como o lodo é o berço vil de flores,
A Sepultura fria e tenebrosa
E' o berço de almas, senda de esplendores.

EGO SUM

AUGUSTO DOS ANJOS.

Eu sou quem sou. Extremamente injusto,
Seria eu se não vos declarasse,
Se vos mentisse, se mystificasse
No anonymato sendo eu o Augusto.

Sou eu que com intellecto de arbusto,
Jamais eri e por mais que eu procurasse
Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,
Levantar-me do leito de Proeusto.

Sou eu que a rota etherica transponho,
Com a rapidez fantastica do sonho,
Inexprimivel nas termologias:

O mesmo e triste e estrabico producto,
Atramente a gemer a magua e o luto
Nas mais contrarias idiosyncrasias.

SUPREMACIA DA CARIDADE

CASIMIRO CUNHA.

A fé é a força potente
Que desponta na alma do crente,
Elevando-a aos altos ceus.
Ella é chamma abrasadora,
Reluzente, redemptora,
Que nos leva para Deus.

A esperança é flor virente
Alva estrella resplendente,
Que illumina os corações,
Que conduz ás creaturas
A's almejadas venturas,
Entre celicos clarões.

A caridade é o amor
E' o sol que Nosso Senhor,
Fez raiar claro e fecundo;
Alegrando nesta vida,
A existencia dolorida,
Dos que soffrem neste mundo!

A fé é um clarão divino,
Refulgente, peregrino,
Que irrompe, trazendo a luz;

A caridade é a expressão,
Da personificação,
Do Mestre Amado — Jesus!

A esperança é qual lume,
Ou capitoso perfume
Que nos alenta na dor;
A caridade é uma aurora
Que resplende a toda a hora,
Nada empana o seu fulgor.

Seja pois abençoada,
Essa eternal alvorada
A raiar eternamente!
Caridade salvadora,
Pura benção redemptora
Do Senhor Omnipotente.

EM PAZ

AUTA DE SOUZA.

Tanto roguei a paz consoladora,
Durante os meus amargos soffrimentos,
Elevando a Jesus meus pensamentos
Que recebi a paz confortadora!...

Sentindo-me feliz, ditosa agora,
Nessa paragens de deslumbramentos,
Onde terminam todos os tormentos
Que inundam de amargor a alma que chora;

Jesus! doce Jesus meigo e bondoso,
Eu agradeço a paz que concedestes
Ao meu viver tristonho e doloroso.

E desse lindo oasis encantado,
Canto de luz dos paramos celestes
Bemdigo o vosso amor illimitado!

ANALYSE

AUGUSTO DOS ANJOS.

O' que desdita extranha a de nascermos
Nas sombras melancolicas dos ermos,
Dos recantos dos mundos inferiores,
Onde a luz é penumbra tenue e vaga
Que sem vigor, fraquissima, se apaga
Ao furacão indomito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,
Apoucado Narciso que se orgulha
Na profundeza ignota dos abysmos
Da carne que, estrambotica, apodrece,
Que atrophiada, hypertrophica parece
Cataclysmo dos grandes cataclysmos.

Agrilhoarmo-nos ao fogo dos instinctos,
Serpentes entre escrofulas e helminthos
Na hediondez dos morbidos sensualismos.
Tendo a alma, centelha, luz e chamma,
Amalgamada em pantanos de lama,
Em sexualidades e hysterismos.

Misturarmos clarões de sentimentos
Entre visceras, nervos, tegumentos,
Na aggregação da carne e dos humores,

Atrocidade das atrocidades;
 Ennegrecermos luminosidades
 Na macabra esterqueira dos tumores.

E nisto achar phantasticos prazeres
 Illusão hyperbolica dos seres,
 Bestialisados, materialisados;
 Espiritos em ancias retroactivas,
 No transcorrer das vidas successivas,
 Nas ferezas do instineto, atassalhados.

Mas a analyse crua do que eu via
 Hedionda lição de anatomia
 E' mais que uma atrevida aberração;
 Que se quebre o escalpello dos meus versos,
 Entreguemos a Deus seus universos
 Que elaboram a eterna evolução.

VERSOS

CASIMIRO CUNHA.

Vivi na mansão das sombras
 Desterrado
 Na noite das trevas densas
 Sepultado.
 Entrei no sepulcro escuro
 Nascendo;
 E delle fugi feliz
 Morrendo.
 E' que a vida material
 E' a prisão
 Onde a alma é encarcerada
 Na afflicção;
 E a vida da alma é a nossa
 Liberdade;
 Onde as luzes recebemos
 Da Verdade.

EM EXTASE

AUTA DE SOUZA.

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria,
Sorvendo a luz no calix da harmonia
Em paz serena, eterna e derradeira!...
Por teu amor, Jesus, inda quizera
Volver ao pó da carne dos mortaes,
Para cantar a terna primavera
Do teu amor nas lutas terrenaes.
Depois da treva espessa da amargura
Para exaltar as luzes que me deste
Na cariciosa e doce paz celeste,
Meu thesouro de fulgida ventura.
Para dizer tua bondade immensa
Aos meus irmãos, os homens peccadores,
Mergulhados na noite da deserença
Nos abysmos dos males e das dores.
Para falar a todas as creaturas
Da tua alma esplendente de bondade,
Afastando as amargas desventuras
Do coração da pobre humanidade.
Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria,
Sorvendo a luz no calix da harmonia
Em paz serena, eterna e derradeira!...

EVOLUÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Se devassassemos os labirinthos
Dos eternos principios embryonarios,
A cadeia de impulsos e de instinctos
Rudimentos dos seres planetarios;
Tudo o que a poeira cosmica elabora
Em sua actividade interminavel,
O anceo da vida, a onda sonora
Que percorrem o espaço immensuravel;
Veriamos o evoluir dos elementos,
Das origens ás subitas ascèses,
Transformando-se em luz, em sentimentos
No assombroso prodigio das estheses.
No profundo silencio dos inermes
Inferiores e rudimentares,
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,
A mesma luz dos corpos estellares.
E' que dos invisiveis microcosmos,
Ao monolitho enorme das idades,
Tudo é clarão da evolução do cosmos,
Immensidades nas immensidades.
Nós já fomos os germens de outras eras
Enjaulados no carcere das lutas,
Viemos do principio das moneras
Buseando as perfeições absolutas.

SYMBOLO

CASIMIRO CUNHA.

Sobre a lama de um monturo
Um branco lyrio sorria,
Alvo, bello, delicado,
Perfumando a luz do dia.

Vendo essa flor cariciosa
No pantanal sujo e immundo,
Via o symbolo do Bem
Entre os males deste mundo.

Pois entre as trevas e as dores
Da vida de provações,
Pode existir a bondade
Irradiando clarões.

E o coração que cultiva
A caridade e o amor,
E' a flor cheia de aromas,
Cheia de viço e frescor.

Que mesmo dentro da treva
Do mundo ingrato, sem luz,
E' lyrio resplandecente
Do puro amor de Jesus.

HOMO

AUGUSTO DOS ANJOS.

I

Ao meu tetrico olhar abominavel
O homem, era o producto abstruso da ancia,
Heterogeneidades da Substancia,
Argamassando um Todo miseravel.

Exotica psyché indeterminavel
Na mais remota epispase da infancia,
Desde a mais absecondita reintrancia
Da sua embryogenia detestavel.

Do intravaseular principio informe,
Larva repugnante e vermiforme,
Nos intimos reconcavos da placenta

A' quietação dos tumulos inermes,
Era um feixe de mónadas de vermes
Dissolvidas na terra famulenta.

II

Após a introspecção no Além da Morte
Vendo o humus que as proprias vertebras come,
Devorar, com atra e horrída, árdega fome
Minhas carnes em lubrico transporte;

Vi que o "ego" era o alento flammeo e forte
Da luz mental que a morte não consome.
Não ha luta mavortica que o dome
Ou venenada lamina que o corte.

Depois da estercorária microbiana
De que a Terra obnoxia se engalana
Nos engastulos do Infinitesimal;

Volve o espirito ao páramo celeste,
Onde a deifica essencia se reveste
Da substancia fluida universal.

INCOGNITA

AUGUSTO DOS ANJOS.

Porque mysterioso incomprehensivel,
Vomito ainda em nauseas para o mundo,
Todo o fel, toda a bilis do iracundo
Se eu já não tenho a bilis putrescivel?

Insondavel arcano, porque irundo,
Todo o meu ser exotico e ultra-sensivel,
Na luz e ainda idolatro o gosto horrivel
De apostrophar o pobre corpo immundo.

Fluidos teledynamicos me servem
Transmittindo as ideias que me fervem,
No cerebro candente, igneo, em brasa...

De que concavidade do Universo
Vem-me o açoite flammivomo do verso,
Chamma da mesma chamma que me abrasa?

NUMERO INFINITO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Systoles e diastoles derradeiras
No hirto peito, rigido e gelado;
E eu via o Ultimo Numero extenuado,
Estertorando sobre as montureiras.

Interregno. Escuridão, ancia e inferneiras.
Depois o ar, o oxygenio etherisado
E depois do oxygenio o illimitado,
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a ultima visão das vistas foscas,
O Derradeiro Numero entre as moscas,
A' camada tellurica adstricto;

E eu, victima ductil da desgraça,
Vi que cada minuto que se passa
E' nova luz do Numero Infinito.

PARNASO D'ALEM TUMULO

JOÃO DE DEUS.

Além do tumulo ,o espirito inda canta
Seus ideaes de paz, de amor e luz,
No ditoso paiz onde Jesus
Impera com bondade sacrosanta.

Nessas mansões a lyra se levanta
Glorificando o Amor que em Deus transluz,
Para o Bem exalçar, que nos conduz
A' divina alegria, pura e santa.

Dessa Castalia eterna da Harmonia
Transborda a luz excelsa da Poesia,
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hymnos das esperanças espargidos
Sobre os homens, tornando-os mais unidos
Na ascensão para o Bello e para o Amor.

I N D I C E

| | | <i>Pags.</i> |
|----------------------------|---------------------------|--------------|
| A' guisa de prefacio | | 5 |
| Palavras minhas | | 15 |
| <i>Autores:</i> | | |
| Augusto dos Anjos | Voz do Infinito | 27 |
| " " " | A dor | 78 |
| " " " | Vozes de uma sombra | 103 |
| " " " | Voz humana | 110 |
| " " " | Alma | 130 |
| " " " | Analyse | 143 |
| " " " | Evolução | 147 |
| " " " | Homo | 149 |
| " " " | Incognita | 151 |
| " " " | Numero infinito | 152 |
| " " " | Ego Sum | 139 |
| Auta de Souza | Almas dilaceradas | 38 |
| " " " | Contrastes | 77 |
| " " " | Magoa | 108 |
| " " " | Hora extrema | 132 |
| " " " | Em paz | 142 |
| " " " | Em extase | 146 |
| Anthero do Quental | A' morte | 55 |
| " " " | Depois da morte | 81 |
| " " " | Soneto | 99 |
| " " " | O Remorso | 112 |
| Bittencourt Sampaio | A' Virgem | 52 |
| Casimiro de Abreu | A' minha terra | 35 |
| " " " | A Terra | 93 |
| " " " | Lembranças | 127 |
| Castro Alves | Marchemos | 31 |

| | | <i>Pags.</i> |
|--------------------|------------------------|--------------|
| Casimiro Cunha | Na eterna luz | 57 |
| " " | Anjinhos | 79 |
| " " | Quadras | 92 |
| " " | Ascensão | 113 |
| " " | Supremacia da Caridade | 140 |
| " " | Versos | 145 |
| " " | Symbolo | 148 |
| Cruz e Souza | Anciedade | 63 |
| " " | Heroes | 109 |
| " " | Aos torturados | 131 |
| " " | A Sepultura | 138 |
| Guerra Junqueiro | O Padre João | 23 |
| " " | " " | 65 |
| " " | Romaria | 84 |
| " " | Eterna victima | 96 |
| Julio Diniz | O esposo da pobreza | 42 |
| " " | Poesia | 88 |
| " " | Aves e anjos | 101 |
| João de Deus | As lagrimas | 45 |
| " " | O céu | 87 |
| " " | Morrer | 100 |
| " " | O mau discipulo | 115 |
| " " | Na estrada de Damasco | 133 |
| " " | Parnaso d'alem tumulo | 152 |
| Pedro de Alcantara | Meu Brasil | 50 |
| " " | No exilio | 83 |
| " " | Rogativa | 102 |
| " " | Soneto | 111 |
| " " | Pagina de gratidão | 129 |
| Souza Caldas | Acto de contrição | 40 |
| " " | Versão do psalmo 12 | 90 |
| " " | Versão do psalmo 18 | 125 |
| Um desconhecido | Meditando | 61 |
| " " | O nobre castellão | 73 |

DO PAIZ DA LUZ

São quatro volumes contendo mensagens medúmnicas dos mais afamados escriptores portuguezes, além de outros. O estylo dos mesmos escriptores, a linguagem em que foram vasadas as mensagens, as idéas nellas expressas, deixam evidente que foram os seus proprios autores que as enviaram do Espaço. E' uma obra notavel no genero.

Obra completa — br. 15\$000, enc. 22\$000

AMALIA DOMINGOS SOLER

FRAGMENTOS DAS MEMORIAS
DO PADRE GERMANO

(Romance)

Obra altamente philosophica, instructiva e moral. São excerptos, especie de contos, lances anecdoticos de uma vida espiritual, que falam á alma pela belleza da descripção e pela profundeza dos ensinamentos. Especie de contas de um rosario, os capitulos de um livro, depois de desafiados um a um, apresentam-nos a biographia de um justo, cheia das peripecias da jornada humana.

Vol. br. 5\$000 — Enc. 7\$000 — ed. esp. 8\$000

Pedidos á LIVRARIA DA FEDERAÇÃO
Avenida Passos 30 — Rio de Janeiro

Enviamos graciosamente o nosso catalogo

O EVANGELHO

Nesta obra, Allan Kardec, o grande missionario, codificador do Espiritismo, estuda e explica, á luz desta Doutrina, a dos Evangelhos, o que é o Christianismo, fazendo resaltar que naquelle revive este, ampliado e restaurado na sua pureza.

Ora, o que mais importa ao homem conhecer, são os sublimes preceitos moraes decorrentes dos ensinamentos do Christo, por isso que elles constituem o código da moral divina, unico capaz de orientar com segurança os passos de todas as creaturas, quaesquer que sejam suas religiões, para Deus, méta suprema que todas têm que attingir.

Foram esses ensinamentos que o Mestre colleccionou e elucidou, sob a inspiração dos Espiritos superiores que o assistiam no desempenho da sua missão, tornando meridiana-mente claras as idéas e os pensamentos contidos nelles, sobretudo nos que revestem a forma parabolica.

Muitos ha que, julgando-o impossivel, se espantam com o desprendimento que dos bens terrenos os ensinamentos evangelicos ou christãos preceitnam. Esses, á luz que a Revelação Espirita projecta sobre taes ensinamentos, comprehenderão o que aquelles bens representam, em face da evolução que todos os Espiritos hão de realizar, por meio do seu aperfeiçoamento moral, e como, pois, devem ser utilizados.

Escripto com tão elevado escôpo, que foi plenamente alcançado, todas as paginas deste volume são como apanhados de flores ricamente matisadas, em cujos suavissimos perfumes haurirão forças os fracos ou desalentados, para, sem desfallecimentos, subirem as escarpas do progresso espiritual, que a todos nos levarão á realização integral do destino que nos é commum.

Br. 5\$000 — Enc. 7\$000

Pedidos á LIVRARIA DA FEDERAÇÃO
Avenida Passos, 30 — Rio de Janeiro

LÉON DENIS

CHRISTIANISMO E ESPIRITISMO

3.ª EDIÇÃO

Esta obra, do notavel escriptor francez Léon Denis, é um estudo do Christianismo, apanhado nas suas fontes mais puras.

O erudito pesquisador apresenta os verdadeiros ensinamentos de Jesus, mostrando os erros que correm mundo, acerca das varias interpretações dos Evangelhos.

Este trabalho memoravel discorre sobre a origem dos mesmos Evangelhos, sobre a sua authenticidade, sobre o seu sentido occulto; estende-se sobre o que se chamava a doutrina secreta; trata das relações com os Espiritos dos mortos, dos dogmas, dos sacramentos, do culto, da supposta decadencia do Christianismo.

A parte de maior relevo é a que se refere ás alterações da doutrina pré-gada pelo Divino Mestre, onde prova, com irrefutavel logica, os enganos, erros, lacunas e interpolações com que os homens deturparam os ensinamentos do Christo, no correr dos seculos.

Ha ainda um capitulo especial onde se estuda a Nova Revelação e o Espiritismo como sciencia.

Em synthese, o livro faz o parallelo entre os ensinamentos de Jesus e as doutrinas espiritualistas modernas.

Preços: Brochado, 5\$000 — Encadernado, 7\$000

A' venda em todas as livrarias.

Editora: — LIVRARIA DA FEDERAÇÃO
Avenida Passos 30 — Rio de Janeiro

Enviamos gratuitamente o nosso catalogo

ELUCIDAÇÕES EVANGELICAS

A' LUZ DA DOCTRINA ESPIRITA

CONTENDO

Estudos dos Evangelhos, correctos e augmentados com referencias á Lei, aos Prophetas, aos Actos dos Apostolos, ás Epistolas, ao Apocalypse e esclarecidos por Communicações de Espiritos Superiores.

“Antonio Luiz Sayão”

Aquelle que procurar a vida na fonte sacrosanta das graças do Senhor — O Evangelho — receberá centuplicadamente, á medida dos esforços que para tal fim empregar. Jesus é a fonte, Jesus é a luz, é a vida eterna.

VICENTE DE PAULO.

Este livro concorre profundamente para a propagação dos Evangelhos de N. S. Jesus Christo, na sua verdadeira e pura concepção, de harmonia com a santa Doutrina de Jesus, o nosso Bemdicto Pastor.

O seu estudo é necessario á humanidade para substituir o fanatismo dos milagres, dogmas e mysterios, por uma profunda convicção da verdade e exequibilidade dos ensinamentos de N. S. Jesus Christo.

Grande importancia advem do estudo dos Evangelhos, das referencias á Lei, aos Prophetas e ás Escripuras, que constituem a Biblia, o livro inspirado por Deus, adoptado e completado por Jesus.

Finalmente, este valioso livro reúne todas as explicações e ensinamentos trazidos até hoje aos homens pelo Consolador, para a comprehensão, em espirito e verdade, dos Evangelhos de N. S. Jesus Christo, afim de facilitar esse estudo divino aos grupos em geral e particularmente a cada crente.

O conjuncto de tão preciosa obra offerece os meios ao alcance de todas as intelligencias, para chegar ao conhecimento da moral verdadeiramente christã.

Encadernação superior e esmeradamente impresso em papel assetinado.



